



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 89 — LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1943
PREÇO AVULSO; 1 ESCUDO
AURA ABRANCHES GRANDE ARTISTA E UM DOS
SORRISOS MAIS ENCANTADORES DO TEATRO
PORTUGUÊS
(Foto OLIVEIRA)



EDUARDA LAPA

Pintora distinta, o seu valor foi mais uma vez posto à prova com a exposição que vem de realizar, com justo êxito, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Pode mesmo afirmar-se sem receio que a sua exposição constituiu um dos mais notáveis antecendimentos artísticos da nossa país nestes últimos tempos.



HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

Uma vida proba e uma inteligência larga consagradas à literatura infantil—que lhe deve algumas das suas mais encantadoras obras—publicou agora mais um livro cujo êxito as crianças vão certamente consagrar com a sua leitura — «Aventuras maravilhosas dum príncipe».



MANUEL RODRIGUES

Gerente da «Editorial Minerva», ao seu rasgado espírito de iniciativa de editor se deve a recente publicação, em edição popular, de uma das obras mais célebres do Tolstói — «Guerra e Paz».

AQUI entre NÓS



EDUARDO SCARLATTI

Oficial da marinha, escritor e crítico teatral de grande merecimento, publicou agora um livro, «Em casa do Diabo», que constitui um notável estudo sobre um período do teatro português.



RESSANO GARCIA

Professor da Faculdade de Ciências e Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, acaba de ser agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem de Aviz.



KULENKAMPPF

Encontra-se presentemente em Lisboa este célebre músico alemão — violinista de excepcionais qualidades e um dos maiores intérpretes da música de câmara clássica.



LEONEL CARDOSO

Conhecido caricaturista, acaba de editar a sua tese apresentada no último Congresso Transmontano, intitulada «Lavoisier em Trás-os-Montes» e que é uma curiosa manifestação do seu espírito humorístico.

O HOMEM E A NATUREZA

O flagela das inundações mais uma vez pairou como ameaça sobre o país. Tudo quanto é dependência do tempo foge ao nosso domínio, que pouco além vai de umas débeis e falíveis previsões. E não deixa de ser inquietante a lembrança de que, vivendo a homem, fundamentalmente, do que lhe dá a terra, tudo esteja na dependência dos caprichos do acaso. O lavrador lança a semente à terra e todas as manhãs dirige para o céu os seus cilhares experientes e perscrutadores. Tudo é contingente e para tudo se requiere justa medida. Podem as sementeiras estar em risco de perder-se por falta de chuva e, logo, ao começar de chover, vier as inquietações da chuva demasiada, que tudo leve consigo. Foi um pouco o que sucedeu este ano: depois de longas semanas de tempo sêco, a atmosfera desfez-se em chuva tremenda, fazendo correr rios, ribeiros e córregos com caudal impetuoso, a sair fora dos leitos. A zona ribatejana, como é de hábito, viveu horas de dorida angústia. Um dos talentos do homem é o de dominar as forças da Natureza. Ao sr. engenheiro Duarte Pacheco, que tem envergadura de dominador e a atracção das grandes obras, não será estranho, evidentemente, este problema: o das grandes obras engenharia que, por drens e diques, pusesem o Ribatejo ao abrigo do risco periódico das grandes enxurradas devastadoras.

PAISAGEM A CONSTRUIR

PARECE que se sente um movimento geral — talvez simplesmente instintivo — a favor da valorização da árvore. Fala-se muito de povoamento florestal e de outras frases de conteúdo semelhante. Claro está que não é com frases que se resolvem os problemas — mas ter a consciência da existência de problemas é um grande passo sobre a ignorância déles: meio caminho andado para a sua solução. A madeira de queimar — hoje tão disputada à falta de mais que se queime — deve ser o ponto de partida para estas salutares preocupações. Mas não deve esquecer-se, também, o valor que têm as árvores como agente regularizador do clima e, a propósito, pode lembrar-se a calvície ofensiva da paisagem nos arredores de Lisboa, por menor que tanta vez surpreenda o turista estrangeiro. Toda a zona entre Sintra e Cascais — que é, como quem diz, o triângulo que tem um dos vértices em Lisboa e dois dos lados formados pelas estradas que ligam àquelas duas vilas — precisava de ser intensamente arborizada. Os ventos que varrem, em algumas épocas, a região do Estoril seriam, desse modo, eficazmente dominados.



FOI colocado no Arco da rua Augusta o sino do respectivo relógio. Não tarda que as badaladas soem, como grandes gotas de bronze, sobre a larga cidade rumorosa. Na verdade, sentia-se que faltava qualquer coisa a aquele nobre relógio venerável: era a voz. Daqui em diante, a sua sonora eloquência alastrará na velha Lisboa pombalina, com o duplo prestígio da sua idade — e da sua certeza. Um relógio é sempre uma lição que nos

Aos leitores e assinantes de "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Embora bastante contra nossa vontade, somos forçados a tomar uma resolução que só as circunstâncias impõem: aumentar o preço de «Vida Mundial Ilustrada». A partir do próximo número, esta revista custará 1\$20, avulso, em vez de 1 escudo, seu preço desde que, há cerca de dois anos, começou a publicar-se.

Tendo de suportar um pesado agravamento no custo da manufatura gráfica da revista, além de um considerável aumento no preço do papel, impossível se nos torna manter o mesmo preço de venda. Ao agravá-lo, porém, limitamo-nos a fazê-lo apenas na proporção necessária para podermos enfrentar os nossos novos encargos. E isto porque continuamos a manter a nossa preocupação inicial de tornar «Vida Mundial Ilustrada» a

revista ilustrada de preço mais barato do nosso país.

Ao noticiar, com o maior constrangimento, a nossa resolução, queremos ter, porém, a maior confiança nos nossos fiéis leitores, no seu espírito de compreensão pelas nossas dificuldades e na sua devoção pela nossa obra, que pode ser modesta, mas que representa, sem dúvida, um esforço grande — e dos mais sinceros. Está no fundamento dessa confiança a possibilidade de podermos prosseguir com êxito na publicação desta revista. Se nos enganarmos, então só nos restará tomar uma resolução mais dolorosa ainda: desistir.

Entretanto, damos a seguir os novos preços de assinatura para aqueles que a fizerem a partir de Fevereiro, visto que mantemos, até

seu termo, os preços actuais para para aquelas que ainda estão decorrendo.

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES

3 meses (13 números)..... 13\$00
6 " (26 ")..... 26\$00
12 " (52 ")..... 52\$00

ÁFRICA PORTUGUESA

12 meses (52 números)..... 68\$00

ESTRANGEIRO (com convenção)

6 meses (26 números)..... 40\$00
12 " (52 ")..... 80\$00

ESTRANGEIRO (sem convenção)

6 meses (26 números)..... 47\$00
12 " (52 ")..... 94\$00



A CERIMÓNIA DA ENTREGA DO «PRÉMIO ARTUR MALHEIRO»: O eminente homem de ciência Prof. Dr. Aurélio Quintanilha recebendo do Dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências, o prémio que lhe foi conferido pelo seu trabalho «Os fundamentos científicos da sexualidade».

• (Foto Seródio)

7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso

ISABEL de Inglaterra é uma das figuras que mais tem tentado os estudiosos, os romancistas e os dramaturgos. A sua personalidade, cheia de facetas e de contrastes, e a época agitada que viveu constituem, com efeito, tema inesgotável para obras reais ou de ficção. E é tão densa a psicologia dessa mulher e o seu reinado tão rico de episódios dificilmente compreensíveis à luz da mentalidade dos nossos dias, que os autores divergem na interpretação da figura e dos factos, sobre os quais a História e a Lenda, com o rodar dos séculos, teceram laboriosamente a sua teia...

«Isabel de Inglaterra», que Hollywood nos deu, com a pompa e a majestosa beleza das suas reconstituições históricas, baseia-se na peça de Maxwell Anderson, que alia, ao seu valor de obra dramática, o mérito de nos revelar a «Rainha Virgem» sob o aspecto psicológico que o labor dos estudiosos apresenta com carácter de maior autenticidade.

* * *

«Isabel não é feita como as outras mulheres — escreve Stephan Zweig. Não apenas lhe é impossível ser mãe, mas é-lhe ainda interdito gozar as emoções naturais do acto de amor. Não é voluntariamente que ela passa por ter ficado *Virgin Queen*, e se bem que por alguns esclarecimentos dados pelos seus contemporâneos, como Ben Jonson, a sua virgindade seja posta em dúvida, é certo que um impedimento físico ou moral lhe dá perturbações nos períodos acentuados da sua feminilidade. Semelhante infelicidade exerce forçosamente uma influência capital num ente humano, e esse segredo contém, por assim dizer, em substância, todos os outros enigmas do seu carácter. A instabilidade, a mobilidade, a sensualidade do seu amor, a sua histeria, esse defeito do equilíbrio, essa eterna maneira de passar dum extremo ao outro, de representar sempre uma comédia, o seu requinte na hipocrisia, sem falar da sua «coqueteria», que faz o pior possível à sua dignidade de rainha, tudo isso provém da sua oculta deficiência. A faculdade de sentir, de pensar, de agir clara e normalmente, foram recusados a esta mulher, ferida no mais profundo do seu ser. Ninguém devia contar com ela. E, se bem que atormentada pelos seus nervos, perigosa pelo seu génio de intriga, Isabel não é cruel nem desumana, nem fria, nem dura».

E mais adiante, o biógrafo de

«Fouché», insiste: «Quem examinar mais de perto esta mulher que treme, solitária, no seu trono, que não sente com os semi-amantes senão tormentos históricos porque não pode dar-se inteiramente no verdadeiro sentido da palavra a nenhum deles, descobre nela um ardor secreto, dissimulado e, por trás de todas as suas violências, um sincero desejo de ser boa e magnânima».

Como rainha, Zweig aprecia-a, ainda, nestes termos: «...é difícil dizer se é ela quem faz a grandeza da Inglaterra, ou se a Inglaterra é que faz a grandeza da rainha, tanto a sua actividade se confunde numa unidade magnífica. Nada colocou Isabel numa situação tão elevada entre os monarcas do seu tempo, como não ter querido ser a amante de Inglaterra, mas a executora da vontade do povo inglês e de uma missão nacional».

«...A vida de Isabel personifica a energia duma nação que quer conquistar um lugar no Universo».

* * *

A reprodução deste retrato de Isabel, feito por Stephan Zweig — esse paisagista de almas — pare-

ce-nos indispensável para que melhor se possa compreender e ajuizar a interpretação admirável que Bette Davis deu à estranha figura da filha de Henrique VIII e Ana Bolena, cuja legitimidade à herança do trono foi discutida e combatida por aqueles que queriam ver Maria Stuart como rainha de Inglaterra.

Bette Davis desenhou, com espantosa naturalidade, a figura desta mulher tão exuberante no ódio como no amor, tão inconsequente e caprichosa. O olhar, frio, parece uma espada nua. Quando anda, dir-se-ia que há uma vontade masculina a comandar os seus gestos. Ela soube ser, física e moralmente, a complexa personagem que Zweig revelou — e a rainha que relegou para a condição de pálios figurantes, os outros monarcas da sua época: Filipe II, Carlos IX, Fernando de Áustria...

Schille viu apenas em Isabel uma «gata pérfida», concepção que Zweig reputa tão falsa, como banal... Maxwell Anderson seguiu a opinião deste último e a cena em que Isabel procura conhecer o segredo da terra enamorada do oficial que se encontra na Irlanda, vale pela definição deste aspecto curioso do seu carácter.

Bette Davis que é, incontestavelmente, senão a primeira, uma das primeiras vedetas do cinema mundial, confirma com brilhantismo a sua classe de artista. E de tal maneira que Errol Flynn, a seu lado, parece um mero principiante e tem apenas a defendê-lo a sua presença, o seu ar arrogante de espadachim! É um actor que replica melhor com o florete do que com a palavra!

* * *

De «Isabel de Inglaterra», espectáculo cinematográfico esplendoroso e por vezes deslumbrante, ficam como motivos primordiais do êxito alcançado a interpretação excepcional de Bette Davis; a inteligente direcção de Michael Curtiz, no aproveitamento, que se sente quasi integral, da peça de Michael Anderson; a magia do colorido, que nos devolve, intacto, o fausto coruscante da corte britânica daquele tempo.

Sob o ponto de vista histórico, a fantasia dos argumentistas sobrepos-se, por vezes, à realidade dos factos, em obediência ao critério «yankee» de que a História é uma coisa — e o cinema-espectáculo, outra...



Isabel de Inglaterra (Bette Davis) e Penelope (Olivia de Havilland), que disputam o amor do mesmo homem, parecem levar para o tabuleiro do xadrez as razões de coração que as tomaram rivais...



Mary Carrillo e Julio Peña, principais intérpretes de «Marianela», o drama mais emocionante da literatura espanhola. «Marianela», premiado na Bienal de Veneza, foi realizado por Benito Perojo, segundo a novela de Benito Perez Galdós e a obra dos Irmãos Quintero. A sua estreia efectua-se na próxima semana, no Ginásio. Exclusivo e distribuição de «Atlante Filmes, Lda.»

Panorama Internacional

o Sobressalto europeu

HORA de transe. Hora de passagem. Berlim foi bombardeada outro dia, como já mais o fôra. Dos três departamentos que lhe foram cedidos, Dunquerque, Calais, Boulogne, Hitler mandou responder

contra Londres.

Quarenta e oito horas depois, os acontecimentos de África ecoavam mais alto.

O ÚLTIMO RECANTO



MONTGOMERY se começou em seguida, aos calcanhares das forças de Rommel que haviam ficado em cobertura de retaguarda e que por seu turno a evacuavam.

Entre Tripoli e as primeiras alturas que formam a chamada Linha Mareth, construções militares francesas contra a Itália que a explosão do Armistício e os desarmamentos posteriores despertcharam, vai, por Zuara, curta distância. Medeiavam nesse último recanto do antigo Império italiano, elevações não improprias para manobras de batalha. Mas há mais de um mês que o marechal alemão, com averiguada falta de forças, mais talvez de material que em gente, deixa ante as vanguardas inimigas somente o bastante a iscar furtivos combates, durante o dia, para continuar de noite a retirada.

De há muito, em vista do dispositivo que tomava sobre a costa oriental da Tunísia o corredor alemão, se deixava previsto que Rommel e o seu parceiro—primeiro von Nehring, agora von Arnim, que o substituiu—buscavam conglouner os meios disponíveis para demorar pelo máximo de tempo os Aliados, diante do derradeiro baluarte do «Eixo» em África.

Naquele mesmo dia 21, davam os correspondentes de guerra como assente essa conjunção. E eis a folha virada sobre as grandes páginas das batalhas no deserto, sobrando apenas a nossa admiração para a consumada arte de condutor de exércitos, do vencedor inglês de El Alamein, ao trazer o 8.º por tão lar-

gas e rudes vastidões não só com os trens das máquinas blindadas e com as massas arrasadoras da aviação, mas com perfeito serviço de abastecimentos—sem desmérito do esforço, aliás muito mais fácil, de Rommel, despojado de meios, na sua retirada.

A discussão das possibilidades de uma detenção do marechal, na citada Linha Mareth, ica para os técnicos averiguarem se é possível utilizá-la com o adversário por dois lados: Montgomery que vem de leste, flanqueado pelas forças de Leclerc, subidas do Fezzan unidas às do coronel Cartier que se lhe ataram pelo sul da Argélia na fronteira com a Tripolitânia, e as tropas do general Giraud sob o comando de Juin que vigiam aquele torcido gargalo do referido corredor, desde as alturas de Gafsa sobre o pórtio de Gabes.

A desconcentrar qualquer derivação do 1.º exército de Anderson para a costa sul e leste da Tunísia, desencadeava entre 19 e 20, o general von Arnim os ataques a Batuala e Pont du Tahs, com ligeiro avanço que não logrou fazer ceder a bravura francesa. Os meios do ataque é que indicam carências flagrantes do Eixo, impossíveis de suprir enquanto as esquadras de Cunningham conseguir, como há dias brilhantemente demonstrou, afundando e danificando 23 navios, polícoro o Mediterrâneo ocidental e as aviações inglesa e americana dominarem as vias aéreas.

Com a conquista de Tripoli ganharam, porém, as mesmas esquadras a posse do famoso triângulo que fiscaliza as passagens mais difíceis do Mediterrâneo. Não é erro considerar que, senhores de Bengazi e de Tripoli, a reconquista desse mar pela Inglaterra está a menos feita, virtualmente, ocupando Malta—a ilha que, por ineficiente, a Grã-Bretanha dó derrotismo marca Astor, quis abandonar antes da guerra!—uma preponderância ofensiva de primeira classe e ficando directamente ameaçada a Sicília e anulada a ilhota da Pantelaria, presente de Laval ao seu amigo Mussolini.

FACTORES DUMA DEMORA



EISENHOWER

Impressiona, no entanto, a longa demora de dois meses e picos que tem havido por parte dos dois exércitos aliados no Norte de África (o 1.º de Anderson e o 5.º de Clark, ainda há pouco criado) na ofensiva à Tunísia. E resta determinar em que, para tal demora ou re-

tor Francisco Velloso

tardamento, hajam influido três factores: a falta de efectivos e materiais em relação com a recrudescência da guerra submarina alemã no Atlântico, que assume neste momento, segundo as próprias declarações dos Almirantados inglês e americano, a sua fase mais dura (cerca de um milhão de toneladas mensalmente perdidas para uma produção de estaleiros que a não domina sem discussão);—a conveniência estratégica de, em benefício dos russos, prender, como acima dizemos, a maior quantidade de meios de defesa, aos alemães, nas posições do sul da Europa, impedindo-os de serem levados para a frente leste;—a questão irresolvida que as disputas

políticas na África do Norte se levantaram após a morte de Darlan, o negro crime que ao fazer baquear o ilustre marinheiro roubou aos Aliados a mais valiosa influência que possuíam para levarem directamente a cabo o formidável golpe que a expedição americana de Eisenhower despedira sobre todo o sistema político-militar alemão nesta guerra, erro que tão caro têm pago e vibrado pela misteriosa mão que bem sabia como se torsam tendões essenciais à marcha.

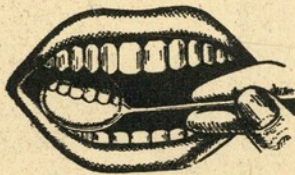
Dos dois primeiros factores quasi não é preciso falar por enquanto. Do terceiro, vemos as suas consequências tão profundas que não custa acreditar em que não pouco hajam movido Churchill a desaparecer de Londres para, segundo se diz, ir conferenciar com o presidente Roosevelt. Não pelo assassínio em si mesmo, mas pelo que dele derivou. O vice-primeiro ministro britânico, major Atlee, deixou-o entrever há dias aos Comuns, quando salientava, enxertada em referências à questão malfadada da situação política na África do Norte, que não há discrepâncias entre Londres e Washington. E, dias depois, outra vez ressumava o tumor na atoarda, logo desmentida, de que o general Eisenhower ia ser substituído no comando das forças Aliadas no Norte de África, pelo próprio ministro da guerra dos Estados Unidos, o general Marshall. A revelação feita por entidade responsável na América de que o verdadeiro assassino de Darlan não fôra o executado, deixou ainda mais obscuro o quadro que já não era abundantemente esclarecido, e mais inquietos os ânimos sobre os quais há semanas vêm sendo com visível propósito lançadas as mais desencontradas versões de uma explicação que, por enquanto, só pode convencer leitores de romances policiais de fraco enredo imaginativo.

A nomeação Peyrouton, para adjunto civil de Giraud no Alto Comissariado—ele que foi ministro do interior nos primeiros ministérios Pétain-Darlan após o Armistício, depois residente geral na Tunísia e recentemente se demitira de embaixador na Argentina por não desejar servir a França com Laval—veio outra vez excitar os brados de protesto da Comissão da França Combatente, secundada por parte da imprensa londrina. Logo no dia seguinte, porém, Peyrouton se apre-

(Continua na pág. 23.)

Gengivas sãs

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

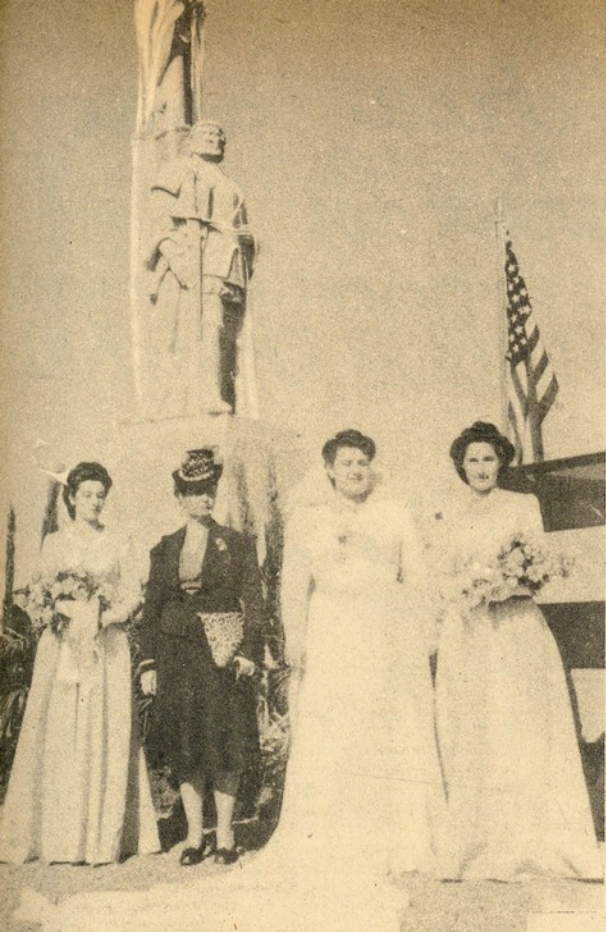
(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura poimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara aisamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



Após a inauguração do monumento, que foi descerrado pela esposa do sr. dr. Goulart da Costa, cônsul de Portugal em São Francisco. Da esquerda para a direita vêem-se as sr.^{as} D. Lovella Duggins, Madame Goulart da Costa, D. Doris de Oliveira — rainha do «Dia de Cabrilho» — e D. Júlia de Almeida.

NO dia 28 de Setembro do ano passado, em San Diego, na Califórnia, foi inaugurado um monumento ao navegador português Cabrilho — o primeiro branco que desembarcou em terra californiana.

A estátua foi colocada em frente da baía de San Diego — no lugar em que, segundo os historiadores, ancoraram as duas pequenas caravelas do célebre navegador.

O acto inaugural fêz-se precisamente 400 anos após o desembarque.

Se os Estados Unidos não estivessem em guerra, o acontecimento seria celebrado com grandes festejos e espectáculos, pois o «Dia de Cabrilho», mesmo sem inauguração de estátua, é considerado feriado oficial e comemorado em todo o Estado da Califórnia.

Porém, as mesmas causas que reduziram o brilho dos festejos compensaram os californianos com a presença, na inauguração da estátua, do sr. dr. Euclides da Costa, cônsul de Portugal em São Francisco, que teria regressado a Portugal há um ano, se a guerra o não tivesse compelido a permanecer no seu posto.

A ideia mereceu a aprovação da Sociedade Portuguesa de História, da Sociedade de Geografia, da Academia de Belas e do Governo português.

O escultor português Alvaro de Brée foi encarregado de proceder à construção da estátua.

Esta foi levada para os Estados Unidos há dois anos, mas as autoridades competentes, portuguesas e americanas foram de opinião que seria mais oportuno proceder à sua inauguração no dia do quadricentenário.

Embora a guerra ofuscasse, como dissemos, as comemorações do quadricentenário, não diminuiu, contudo, o seu alto significado. Muitos membros da colónia portuguesa da Califórnia, juntamente com as autoridades militares, eclesiásticas e civis, prestaram homenagem a esta nova prova de amizade entre Portugal e a América.

Além dos srs. dr. Euclides da Costa e contra-almirante Holmes, falaram no acto inaugural os srs. Lourenço de Oliveira e major-general Clayton.

Monsenhor L. Forristal pronunciou um discurso, primeiro em português e depois em inglês.

Além de uma grande banda da Armada, Madame Goulart da Costa, coadjuvada pela sr.^a D. Doris Oliveira, rainha do «Dia de Cabrilho», e suas damas de honor, sr.^{as} D. Lovella Duggins e D. Júlia Almeida, descerrou a estátua, no meio dos aplausos da assistência.

A inauguração na **CALIFORNIA** do monumento ao navegador português

CABRILHO



O sr. dr. Euclides cônsul de Portugal em São Francisco, falando na ocasião do descerramento da estátua de Cabrilho. Foi ele quem primeiro sugeriu ao Governo de Portugal o oferecimento do monumento aos Estados Unidos.

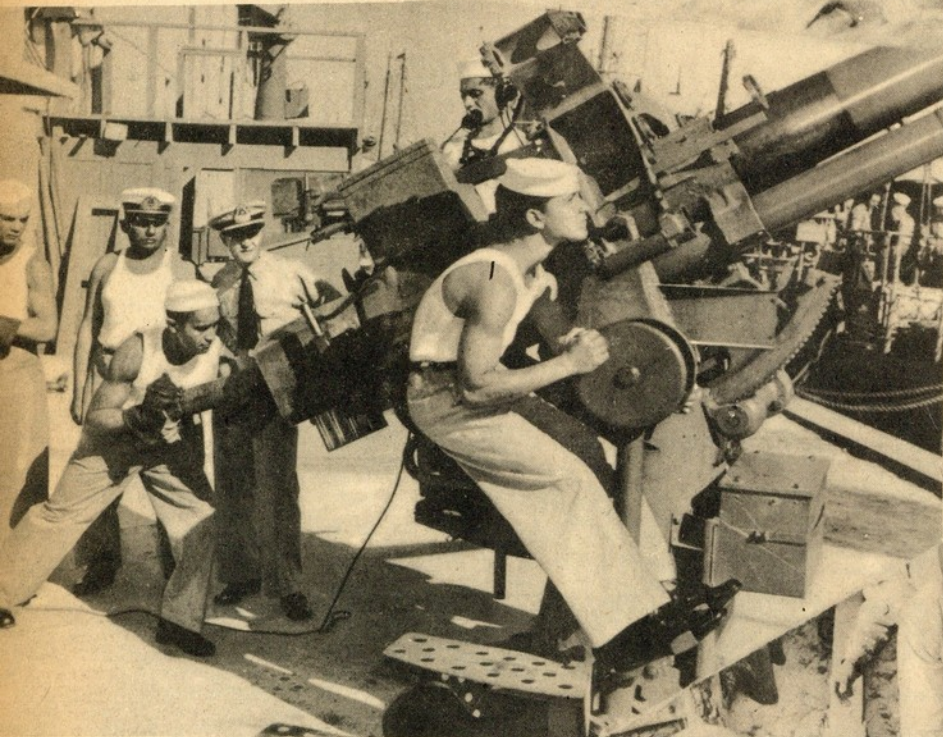
O contra-almirante da Armada dos Estados Unidos, sr. Raiston Holmes, pronunciando o seu discurso depois do descerramento do monumento.



A Defesa anti-aérea dos ESTADOS UNIDOS



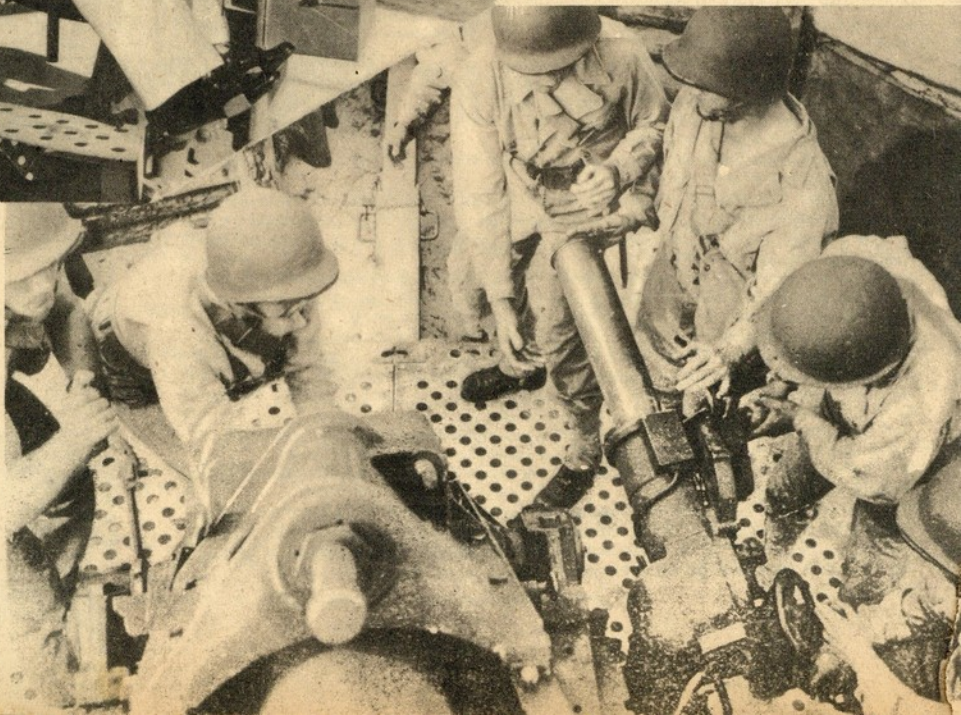
Uma milésima de segundo, depois do canhão anti-aéreo de 90 mm. disparar, o artilheiro prepara-se novamente para o carregar. Ao chefe da peça fica só a missão de dirigir o tiro e observar o seu efeito.



A direita do telémetro vê-se o instrumento que corrige a elevação. O mecanismo da linha de tiro é movido por electricidade. Esta peça anti-aérea de 90 mm. é dos últimos modelos empregues na defesa anti-aérea de várias cidades norte-americanas.

Numa Escola Naval do sul dos Estados Unidos estão fazendo estágio alguns oficiais e marinheiros brasileiros. Assistindo à manobra deste canhão anti-aéreo, dos que vulgarmente são construídos para submarinos, vêem-se os oficiais brasileiros Artur Gomes Besone, Corinto José de Coutinho, José Bezerra de Silva, Lt. Aristides Pereira Campos Júnior, José Avelino da Silva e Joaquim Brasil da Fonseca.

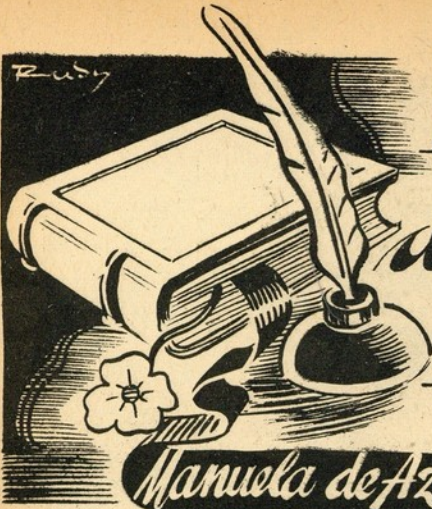
Depois de regulados o telémetro e a direcção do tiro, começa o trabalho dos «soldados serventes». Enquanto uns, conforme as instruções recebidas, carregam o canhão, o terceiro espera a ordem de disparar. Tudo é rápido e executado quasi mecânicamente.



NA FRENTE DA RÚSSIA

Soldados italianos transportando para a ambulância mais próxima um soldado soviético ferido.





MEMÓRIAS

de uma MENINA

ROMÂNTICA

Manuela de Azevedo *ESCREVEU* * *Stuart* *ILUSTROU* ++

DESÇO os 85 de-
graus deste 3.º an-
dar da rua dos
Figueiros, onde
resido e, chegando
à porta, olho em
todas as direcções:
não sou vista por
gente conhecida,
posso fugir ao
ambiente enfadonho de um lar neste
findar do século XIX. Apanhei a
família entredida a ver os periquitos
que o tio comandante trouxe da
última viagem ao Brasil. Pus este
chapéu largo, descomunal e pesado
que me amachuca os bandós que
tanto trabalho deram a frisar e
fujo—fujo, como não saberia fugir
nenhuma menina decente, daqui a
um século em 1943, que deve ser
uma época muito mais divertida do
que esta do meu tempo.

Onde vou? Lisboa é uma cidade
triste—só alegre no sol e nos pre-
gões—sensaborona, onde uma don-
zela não pode divertir-se...

Acabei de ler o último livro do
sr. Garrett, uma pessoa que está
outra vez a fazer furor no Parla-
mento com as perninhas de algodão
e a casaca aos quadradinhos. Senti-me
interessada pelas olheiras da
Joaninha dos olhos verdes, mas
gostei mais daquela decidida inglesa.
Também queria ser assim.

Entretanto, aqui estou na rua sem
saber que passos hei-de dar... Vou
ao acaso, e de repente—boa idéia.

Se estou aqui no Rossio, posso
dar um salto ali ao Passeio Público,
onde a fina flor da sociedade lis-
boeta se diverte. Já lá quis ir mas
a mamã acha que aquilo é para
francesas cocotes, e que uma menina
prendada como eu, que aspira a um
casamento definitivo, não pode fre-
quentar certos lugares...

Enfim, aqui está um encontro ado-
rável: o velho Stuart, um que não
veio na condessinha de França—
mas de Inglaterra... Grande artista.
Se vivesse noutro país e num sé-
culo mais civilizado—no século XX,
por exemplo—teria feito uma for-
tuna a pintar e a desenhar. Assim,
em Lisboa e nesta época...

Digo-lhe adeus, e ele que parece
realmente de outra época, com
aquela casaca velha e umas suíças
novas que não sei onde as foi arran-
jar—vem logo ter comigo:

—A menina aqui sôzinha, sem
ordem da mamã...

Baixo os olhos enleada, tôrço as
rendas do lençinho e convidoo a
acompanhar-me ao Passeio Público.
Ele puxa logo do bloco para fazer
garatujas no papel—as garatujas
que ilustrarão as memórias que vou
escrever a respeito deste passeio

memorável.

Como artista que se preza, anda
sempre sem dinheiro para se livrar
da maçada de pagar, mas por acaso
traz nas algibeiras 100 réis—que é
o preço dos nossos ingressos no Jar-
dim que é público, mas para o qual
se pagam as entradas. Um paradoxo

como qualquer outro paradoxo.

Este Stuart é muito forte em His-
tória—já sua avó, Maria Stuart,
rainha de Inglaterra e da França,
foi mulher de força—e prontifica-se
logo a elucidar-me sobre aquilo que
eu não seja capaz de adivinhar...

O Passeio Público é uma grande

avenida no coração de Lisboa mil
e trezentos e tal. Ficava bem aqui
uma grande avenida—e não me
custa nada a acreditar que amanhã
ela surja, imitada dos Champs Ely-
sées... Começa aqui no largo do
Passeio Público e termina na Praça
da Alegria, entre a rua das Pretas



— Ao principio do século XVIII, isto aqui eram hortas: a horta da véra e a horta da mançebia...

e a rua do Salitre.

E o artista vira a erudito:

— Ao principio, no século XVIII, isto aqui eram hortas: a horta da cêra e a horta da mancebia...

Sinto-me com vontade de corár, mas o Stuart, com aquê ar despreocupado que Deus lhe deu, nem daria conta do percalço:

— Quando veio o terramoto, o Sebastião José já nem sabia o que havia de fazer de tanto entulho, de modo que resolveu mandar removê-lo para aqui... As hortas eram do Marquês de Castelo Melhor, que as vendeu ao Estado, em 1764. Sabe, o Pombal queria dar à cidade um lugar bonito onde os burgueses se reunissem para a má-língua...

Transpusemos já um dos portões. São três, os da entrada principal, separados por coroas de louro, guardadas de fitas douradas, onde se lê: 4 de Abril de 1838, que era a data do aniversário da rainha D. Maria II, e que foi quando as coroas foram ali colocadas.

Tudo muito bonitinho.

O Stuart continua com as suas explicações desnecessárias para uma menina da minha época que não anda a formar-se para doutora:

— As obras do Passeio Público começaram em 1835, sob projecto do architecto Reinaldo Manuel...

E aponta-me os freixos que guardam o Passeio:

— Sabe donde vieram? De Barca de Alva, dos viveiros de Jacome Raton, que os ofereceu à Câmara Municipal. Este recinto onde nos encontramos tinha, ao principio, 300 metros de comprimento, e era cercado em tôda a volta, tendo 15 janelas abertas nos muros da cerca. Estes eram revestidos de buxo e loureiros... A frente é que era formada por um tapume de madeira... provisório por 70 anos...

Vi passar uma dama de largo ternú que me deixou doida de cobiça. Os folhos, os tufos, as rendas, descem-lhe do cimo da cabeça à ponta da cauda, que arrasta como um pavão sobre o piso do Passeio... O artista fixa êste soberbo momento psicológico, e eu, no intervalo da reconstituição histórica do meu par, vou olhando à minha roda: senhoras de porte respeitável conduzem crianças pela mão, que se debruçam à borda do lago da cascata, com dois cisnes de pedra... Jovens pares, dêsses que George Onnet descreve nos romances em fascículos, passeiam protegidos pela sombra dos freixos do Raton... Tenho a percepção de que aparecerá um dia um homem de monóculo e bigodeira farta para depurar, com o seu estilete de comentador, esta vida alfacinha... um homem venenoso, que escreva com estrangeirismos e varra com a sua ironia os ares da «Capital», feita «Relíquia» bafienta...

O meu companheiro de passeio acabou uns apontamentos e volta a falar do Passeio Público:

— Em 1835, a Câmara resolveu pôr fim ao provisório. Deitaram-se abaixo as barras enormes que obstruíam a passagem central. Tudo ia bem. As obras seguiam regularmente mas, depois, foi um trabalho para se conseguir substituir os muros pelo gradeamento. Faltava o que nós não temos: dinheiro... Em 1839, abriu-se uma subscrição, e como Deus foi servido, lá se arranjaram fundos para a continuação das obras que, em 1840, se afundaram outra vez, mesmo na cascata... Por fim, a roda desemperrou e tudo se fez segundo o risco de Malaquias Leal.

Já passámos o primeiro tanque de entrada, do lado do Rossio: tem quatro estátuas simetricamente colocadas.



Baixo os olhos enleada, torço as rendas do lencinho e convido-o a acompanhar-me ao Passeio Público...

Bonitinho.

E há ainda, ao meio do Passeio, também simetricamente colocados, dois grandes lagos onde dois homenzarrões de meia idade simbolizam o Tejo e o Douro. Stuart, com uma voz profética, grande amador das Belas Artes e conhecedor do bom gosto humano, segreda-me, apontando-os:

— Quem viver que os veja, presidindo às «regatas» nos lagos da Avenida...

E diz também:

— Estas estátuas e as outras quatro, foi o Pina Manique que as mandou fazer para um chafariz que projectava pôr no Campo de Sant'Ana.

Já não o oiço. Estou realmente encantada com a cascata, a fechar o recinto sobre o lado norte. Tem três arcos. No do meio, sobre um pedestal, está uma outra estátua alegórica. Uma mulher sustenta nos braços um vaso que deita água: nos outros dois arcos, há tufos de plantas aquáticas que saltam a longa cabeleira por todo o espelho das águas.

— A estátua foi feita pelo professor da Academia de Belas Artes, Francisco Assis Rodrigues... Para me vingar da evocação, chamo a atenção do Stuart para os arcos... — É «pires» — diz o artista, numa linguagem de futuro... E subimos ao terraço que encima a cascata e que deita para a Praça da Alegria. As tintas da tarde envolvem a cidade de um ar triste e brumoso. São horas de nos irmos embora — que terão dito

as titis e os papás da minha ausência? — mas, francamente, gastámos 100 réis para entrar aqui dentro e agora que se aproxima a noite é que eu gostava de ver como isto é...

Nota que a gente é substituída de momento a momento. Já não se vêem crianças — o professor Justino Soares não apresentou hoje os seus discípulos vestidos à Luiz XV, a dançar o «minuette» — e as meninas dir-se-ia que foram pôr as mamãs em casa e trouxeram para o passeio os futuros papás dos seus meninos...

Stuart, da velha boémia alfacinha do século que há-de vir, conhece os cantos à casa e sabe onde se come bem:

— Vamos ali ao *Café Freitas*, aquê mesmo do Rossio, que armou botegim dentro do Passeio.

Comemos um prato de iscas e assim preparados para a noite, dispomo-nos para a festa. Aqui e ali começaram a acender-se os balões — o Passeio Público abre pela manhã e fecha à tarde, quando à noite não há iluminação — e a animação é já enorme. Entre dois sujeitos de semblante soturno, passa um terceiro que o Stuart identifica: — É o Alexandre Herculano. Ao lado do Herculano vai Bulhão Pato. Moram ambos na calçada da Ajuda. E vai Rebelo da Silva.

Pregunto a Stuart do que vão os três a falar e êle elucida-me:

— Dos estojos de «toilette» do Garrett que Herculano não pode nem ver... Além disso, o Herculano não gosta que o Garrett o utilize como pau de cabeleira, nas entrevis-

tas com a baronesa da Luz, na estrada de Pedrouços...

Antigamente, nos noites de iluminação, com entradas a 240 réis, os gradeamentos eram tapados com panos de arrás e as entradas com tapumes. Hoje acabou-se com êsse hábito e amanhã as entradas serão de graça...

Vamos ao *Café-Concerto*: as artistas francesas chamam ali as cascadas cor de flor de alecrim, da nata da sociedade elegante masculina. Dançam e cantam cançonetas num palco armado ao ar livre, representam pequenas comédias e cenas cómicas que fazem rir a gente de mau gosto. Garrett, realmente, tem razão, quando grita no D. Maria, depois de Emilia das Neves recitar:

— Dêem palmas, seus bárbaros! Os fogos de artifício de M.^{me} Tournour, armados no terraço da Cascata, encheu de delírio a larga assistência que ouve, agora, a banda dos marinheiros, regida pelo prof. Artur Reinhardt num corêto bem levantado a meio do Passeio Público. Sei que por ali passou M.^{me} Amann, uma alemã que dirige uma orquestra, e sei que muitas outras sumidades visitaram o nosso Jardim cheio de bonitinhos e bazares de bugiangas.

Percor-me na contemplação de tanta gente, tanta coisa bonita, tanta coisa de fazer andar a cabeça à roda de uma pessoa, percor-me neste barulho de gaitas, de luzes de arraial — e, quando me acho, estou em 28 de Janeiro de 1943, com passagem do Passeio Público para o Parque Mayer...

Uma grande figura mundial

Lloyd George

O grande vencedor da guerra de 1914-18, completou 80 anos!

por

Francisco Veloso



Fotografia tirada em 1921, em Chequers, quando Lloyd George era Primeiro Ministro, com o Príncipe Imperial do Japão, hoje Imperador.



Uma entrevista histórica: O marechal Foch, Lloyd George e Briand

DO que possa restar na memória dos olhos de imagens da outra guerra, resistentes ao puir das desilusões, algumas se prendem ainda, mais insistentes, nessa tela já baça do tempo, como a referenciam a reconstituição retrospectiva de «coisas vistas e vividas», quando o espírito é chamado a seriar as conclusivas e sempre desenganadoras lições das experiências históricas dos últimos cinquenta anos.

Numa delas que circulou pelo mundo quasi como cartaz gritante de um dos mais dramáticos momentos nas lutas iniciais desse que foi afinal inútil sacrifício de milhões de vidas em holocausto à liberdade e à justiça dos povos, aparecia, tal como a fomos encontrar nas páginas de «magazines», a figura insinuante de um velho, de perfil bem cunhado, olhar firme, de linda cabeleira branca e revolta como a da bela cabeça de um tribuno, e distendendo o braço direito de punho cerrado, num gesto em que havia a dupla energia de uma intimação, a contensão de simbólico apelo às grandes audecias, e a firmeza desportiva de um sóco para o «knock-out».

O movimento muscular da face desse homem acompanhava rezo o seu gesto poderoso, e completava o movimento do lábio inferior que se abria sob o curto bigode branco, tão típico em certos rostos ingleses, para exprimir exactamente o brado formidável

que já começara no cansado sobrecenho, onde pupilas azuis pareciam chispar quasi línguas. Por baixo dessa gravura de retrato, que poderia ser de homem tido, havia uma frase: «Mais anhões! Mais munições! Para a vitória!»

Esse orador era Lloyd George em 1915.

A opinião menos verda nas agitações e mudanças da política britânica, começou então, por assim dizer, a ouvir o seu nome. Nada ou pouco sabia, na verdade, do seu passado: O seu nascimento a 17 de Janeiro de 1863 em Manchester, de pais modestos, num lar onde se respiravam as tradições ancestrais do País de Gales, a que ele seria sempre muito lealmente fiel, lutando pelas angústias da terra de seus avós no «Welsh Disestablishment Bill», e uma atmosfera impregnada de culto baptista, no qual seu irmão Ricardo, sapateiro em Llansamrdwy, era pastor, ambiente em que levaram e se alicerçaram as ideologias liberais e difusamente humanitárias do orador dos «meetings» da democracia inglesa, e do futuro opositor de Clémenceau e de Foch nas conferências onde se engendrou o Tratado de Versalhes. Depois, a sua entrada quasi simultânea no Iêro e na Câmara dos Comuns, nesta, eleito por Carnarvonshire contra um candidato conservador, guerrilheiro atacioso, de inesgotáveis qualidades obstrucionistas, de uma estrêna persis-

tência irredutível e de uma eloquência pungente feita de veemências, aquecidas de idealismos que, em sucessivas crises de irrequieto inconformismo, o erigiram a chefe do partido gaulês no primeiro parlamento do mundo, por vezes caudilho dos mais vivos atrevimentos das correntes radicais — na reivindicação de reformas que abalariam a estrutura secular do Império, da grande Rainha e de Disraeli.

Ignorava o David Lloyd George que durante a crise da África do Sul, de 1899 a 1902, se lançara contra o proeminente Chamberlain e fôra defender os Boers nos memoráveis combates de Birmingham; como ignorava o presidente do Board of Trade, lugar a que por seus méritos e renome o chamara Sir Campbell-Bannerman, obedecendo quasi a uma designação popular e pela própria City: o grande ministro das Finanças de 1908, no gabinete de Asquith, quando a previsão de um «déficit» de 16 milhões de libras gerou alarmes; o preconizador de uma política que afastava a Inglaterra de compromissos no continente, e que se opôs em 1911 a que ela se envolvesse numa guerra entre a França e a Alemanha por causa do Hile-rendo marroquino. E talvez não soubesse que, como consta das memórias de Lord Grey, esse pacifista relutante, se indignara ao receber a notícia da invasão da Bélgica pelos exércitos alemães —

postergando o tratado de neutralidade de 1839; e no dia 3 de Agosto de 1914 telefonara do seu gabinete de ministro para Downing-Street, contra a opinião da City, declarando que o único caminho a seguir era o da guerra. Ele ficaria sempre desde então, como o define Maurois, «agressivo e sedutor». Assim cresceu de vulto durante a guerra, ao colocar todas as suas extraordinárias qua-

lidades de talento e de acção — e a menor não era certamente a sua «eloquência» — ao serviço da Grã-Bretanha e do Império. Primeiro como ministro das Munições, preparando aos dois milhões de soldados que Kitchener queria enviar ao continente os meios de combate, mobilizados numa indústria de guerra que Lloyd George fez

— Como trabalho? — respondeu Lloyd George à pergunta de um jornalista no dia do seu 80.º aniversário. — Assim: sento-me nesta cadeira e Miss Stevenson naquela, nunca trabalho noutro local. Há 40 anos que tenho esta cadeira e daqui dirigi a Grande Guerra, como Primeiro Ministro e ministro das Munições. Dito tudo a Miss Stevenson.

(Continua na pág. 23)

Um dos gabinetes particulares da sua residência: ao fundo vêem-se vários estojos de ouro e prata oferecidos pelas cidades que o nomearam cidadão honorário.

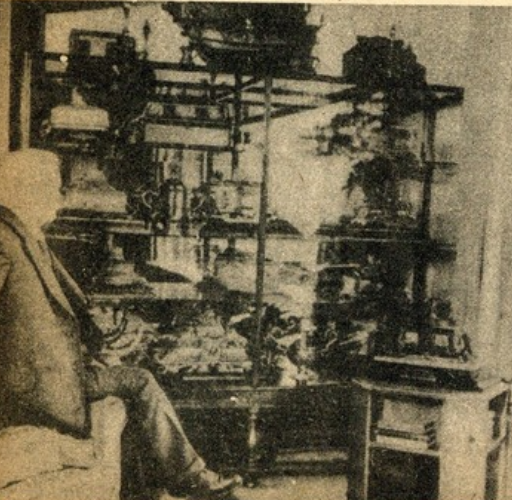
Lloyd George mostrando aos jornalistas o estojo oferecido pela cidade de Manchester — onde nasceu — e que lhe foi oferecido quando foi nomeado Primeiro Ministro.

Por cima da secretária onde trabalha Lloyd George, vê-se um quadro pintado por Churchill. Representa um aspecto de Marrocós e foi-lhe oferecido pelo autor.

O grande político britânico junto do retrato de Richard Lloyd, tio de Lloyd George, que o educou, e que morreu na semana em que subiu ao poder.

Em cima do piano vêem-se fotografias de celebridades desta e da outra guerra. Entre outros: marechal Smuts, marechal Foch, Wilson e Clemenceau.

Um dos lugares predilectos de Lloyd George: junto duma janela que dá para o jardim. Acaçoria o seu cão favorito e lê jornais e revistas.



CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE ANTERO DE FIGUEIREDO

FIGURA pequena e simples, tipo campesino de padre miúdo, sua quinzena assertoada, seu chapéu mole preto, sua volta de borrachá branca luzindo no cabeção negro, óculos na cara rústica, uma fíga encastuada em prata na cadeia do relógio—tal era o abade dos Fétais, nos termos de Viana.

Andava pelos quarenta e nove. Quando se descobria, via-se-lhe a corôa pregada, como se fóra uma moeda de prata velha, no crânio redondo e curto. Tinha o cabelo à escovinha, grossos os lábios, de mau desenho, a tez queimada do sol e gretada das intempéries; e quando vestia a casula e ostentava o manípulo, era como uma espécie de figura de Nuno Gonçalves paramentada para a missa. Tudo nêlle semelhava pouquidade e aparentava retraimento. Não havia melhor alma, nem melhor conselho, dizia-se. As suas práticas, aos domingos, à «Missa do Dia», enterneciam pela rude bondade. Parecia um santo rústico a falar. Porém, se o vissem diante duma boa cabidela ressumante ou dum nédio leitão assado—seus pratos favoritos—então é que se ficava sabendo quem era o abade dos Fétais, seu saber e seu paladar. Os olhos acendiam-se-lhe dum esplendor sagaz; arqueavam-se-lhe as sobrancelhas; afogueava-se-lhe a fisionomia, ordinariamente pálida e imóvel. E, mais que tudo, as suas mãos nédias e fidalgas, a contrastar com a vulgaridade do conjunto, ganhavam tão gulosos jeitos, de faca e de garfo em punho, que logo denunciavam um varão inteiramente digno da bemaventurança divina. Que santo e venerável comilão, êste bom abade de Fétais, nos termos de Vianal! Em tudo uma pessoa de bem.

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

ESTA em Lisboa o poeta António Corrêa de Oliveira. Mas sempre bucólico e campesino, instalou-se onde não podia deixar de ser—na rua das Amoreiras...

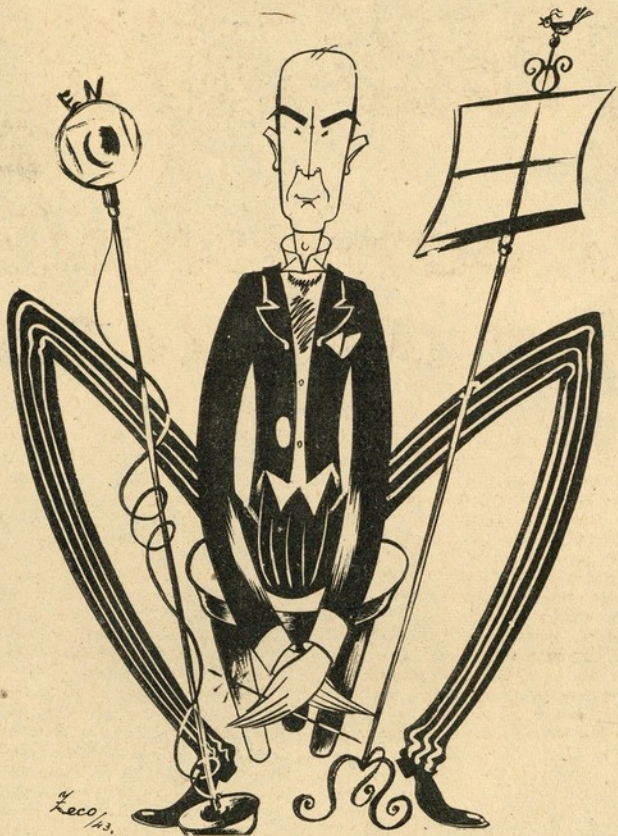
UM VALE

O conhecido homem de teatro Amadeu do Vale foi encarregado de dirigir os complexos trabalhos para a realização da nova revista *O diabo à solta*, a estreiar no Trindade dentro em breve. Mais uma vez se prova a espezteza do Diabo: logo de entrada, meteu um vale...

«JORNAL DO COMÉRCIO»

ÊSTE jornal criou agora uma edição de domingo com muitas páginas, bastante leitura e um prometedor aspecto gráfico. Bem se pode dizer que ao domingo, como bom burguês que é, põe rica camisa engomada—para ver a Deus!

PRÊTO... NO BRANCO



Há quem diga—e quem o diz lá tem as suas razões—que a música é a forma mais harmoniosa da diplomacia. De facto a música, sobretudo certa música, tem o condão de pôr toda a gente de acôrdo. O músico é assim, muitas vezes, um diplomata. Ainda agora, ao traçarmos êste perfil, embora breve, de Pedro de Freitas Branco, mais uma vez pensamos que, se a direcção do mundo estivesse entregue não a políticos, mas a maestros, talvez fôsse outra a face da terra. Pedro de Freitas Branco, de pijama ou de casaca, regendo música em casa ou no teatro, ao ar livre ou em estúdio, é, estruturalmente, um grande diplomata do ritmo. A sua batuta desenha nê ar bailarinas imponderáveis, mas cada uma dessas bailarinas possui as virtudes de Mademoiselle Embaixatrice. Eis uma das razões por que o prestígio de Freitas Branco ultrapassou as fronteiras. Em Paris ou em Londres, em Madrid ou em Roma, em Berlim ou no largo de São Carlos, o seu nome se pronuncia—como o dum grande político musical. E se as suas qualidades são incontestáveis e os seus triunfos plenos, só por paradoxo êste Pedro de Freitas... vaiu Br...

COM TERMOS

A Administração dos Correios resolveu taxar como carta os cartões de visita que contenham mais de cinco palavras. Por quê, senhores,—nem ao menos meia dúzia!

PARES DE BOTAS

O calçado foi tabelado, no preço e na medida. Daqui em diante, um par de botas não custará mais de 30 escudos, mas quem calçava, por exemplo, pela medida

de 38—passa a calçar pela medida de 19! Encolham-se, veneráveis pais!

QUESTÕES PSICOLÓGICAS

SILVA Bastos (que alia à sua qualidade de poeta da Raça a de filósofo nas horas vagas) acaba de concluir um estudo que intitulou: «Interpretação psicológica dos povos, através do letreiro dos eléctricos». Permittimo-nos transcrever algumas das suas observações.

Em português—diz êle—um letreiro é quasi sempre dirigido ao

proverbial sentimento do povo. Um exemplo: «torna-se moralmente responsável, etc...», etc... quem falar com o guarda-freio».

Em francês, o mesmo letreiro dirigir-se-á à boa educação «Pede-se aos cavalheiros a fineza de não falarem com o guarda-freio».

Em inglês, o referido letreiro não deixará de apelar para o bom senso de John Bull: «Não deverá falar com o guarda-freio».

Em alemão, o letreiro tornar-se-á imperativo: «É proibido falar com o guarda-freio».

Entre judeus, o letreiro será inevitavelmente: «O que ganha V. Ex. em falar com o guarda-freio?».

E assim por diante.

CARTÃO DE VISITA

ENTREGARAM-ME, há dias, êste cartão de visita:

Eurico Marques de Oliveira
Filósofo inédito

LISBOA

Havemos de concordar que tem graça!

OPERAÇÕES

O filho de Erico Braga—sete anos vivos e ladinos—sofreu, há dias, uma pequena intervenção cirúrgica. A anestesia foi local. Entretanto, o pequeno, a certa altura, não se conteve que não gritasse para os dois médicos que o rodeavam:

—Assassinos!

UM DICIONÁRIO

SEGUNDO nos informam, o distinto escritor teatral Xavier de Magalhães vai publicar o *Dicionário da Mã-Lingua Teatral*. Será uma obra em dez mil volumes—tantos como as dez mil virgens.

REGISTO LITERÁRIO

A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: *Abutres*, de Armando Páscoa, afirmação de raras qualidades de romancista; dois volumes acerca do drama de Toulon, um firmado por Maurício de Oliveira, o outro por Hugo Rocha, ambos êles oportunos e sugestivos; *O Socialismo e Antero do Quental*, ostenta páginas em que José Tomaz de Sousa analisa, com indiscutível sagacidade, Antero-socialista; *General Giraud*, de Gomes Monteiro, curiosa biografia d'êste novo cavaleiro Bayard; *Caminhos de lirismo*, pequeno estudo de Mário Mota sobre o poeta João Maria Ferreira—um poeta que está sendo tão estudado como Camões.

FECUNDIDADE

EM Seja faleceu uma mulher que deixou 12 filhos, 55 netos e 26 bisnetos. Aqui está o salutar exemplo duma mulher que *produziu*, mas que não *poupou*... as suas canseiras.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Nasceu ha 100 anos Miguel Angelo

O célebre compositor que o Porto vai recordar

NAO somos, infelizmente, ricos de valores musicais, ficando quasi sempre numa mediania honesta que nos absolve de faltas que não nos pesam. O povo canta, os campos e o mar andam cheios de musica invulgar — mas a actividade musical no nosso pais é mais reflexiva do que abundante em grandes criações, capazes de passar as fronteiras numa imposição do nome ao mundo todo.

Por isso mesmo, o valor dos poucos que aparecem impõe-se de uma forma definitiva ao nosso espirito, que lhe dá o melhor do seu carinho e interêsse. Não se citam nomes contemporâneos nem de outras épocas que estão desde já a aflorar à memória de cada um que lê. Mas referir-nos-emos a um só — porque esta crónica lhe diz respeito: Miguel Angelo, que nasceu em Barcelinhos a 27 de Janeiro de 1843, e cuja obra vai ser evocada pelo Porto artista, com o carinho que a cidade sabe pôr em tôdas as suas iniciativas.

Cinquenta e oito anos, quasi todos

dedicados à sua arte — o maestro Miguel Angelo morreu em 1901 — não chegaram para lhe diluir em dissabores a paixão pela musica, que lhe roubou horas de calma, em troca de uma glória efémera.

Efectivamente, para poucos valores o êxito terá sido tantas vezes deslustrado por campanhas de maledicência — campanhas que muitas vezes o próprio artista terá ateadado, com o seu gôsto pela discussão nem sempre calma e elegante.

Filho de um comerciante do Porto, que o fez baptizar na freguezia da Cedofeita, mal o levou recém-nascido para aquella cidade — Miguel Angelo Pereira foi logo de pequenino iniciado nos segredos musicais pelo pai, que era amador de boa musica. Aos oito anos já era moço de côro na igreja da Lapa — e do seu pequeno officio tirava o magro recurso da mãe, que viu o pai abalar para o Brasil, fugido às lutas politicas do tempo. De resto, era ainda dêsse modesto emprêgo que o esperto garoto tirava proveito de melhor resultado: o direito a frequentar as aulas grâtis que funcionavam anexas àquella igreja e que incluíam o curso liceal. Com o pai fugido, o pequeno cantor tinha de ajudar as despesas da casa: com o que recebia como menino de côro e com o que lhe davam sempre que ajudava à missa...

Enfim, um dia o pai irrompe no Porto. Pega na familia e leva-a para o Rio de Janeiro, onde se estabelece e onde Miguel Angelo receberá lições do grande pianista Francisco Manuel da Silva. Quando Thaberg passar pela capital do Brasil, dará alguns conselhos ao jovem pianista de 20 anos, que já nessa hora terá conquistado a melhor das simpatias cariocas.

Com o coração cheio de alegria e a cabeça cheia de projectos e de sonhos, Miguel Angelo, adúlado, aplaudido, feito menino-bonito, resolve dar uma saltada ao Porto. Festejam-no, acariciam-no, chamam-lhe um filho pródigo do affecto nortenho e aconselham-no a ficar. E

êle fica. Dá lições de piano que são bem pagas e inicia a sua carreira de compositor: quando se inaugurar a estátua de D. Pedro V, pela primeira vez será executado um «Te-Deum» a quatro vozes e grande orquestra, escrito por Miguel Angelo, que, logo animado pelo êxito, já não pára de compor musicas. Em 1865, o Porto inaugura a grande Exposição Universal — e para então escreve Miguel Angelo a marcha *Progreitor*, que é executada por orquestra, banda e órgão.

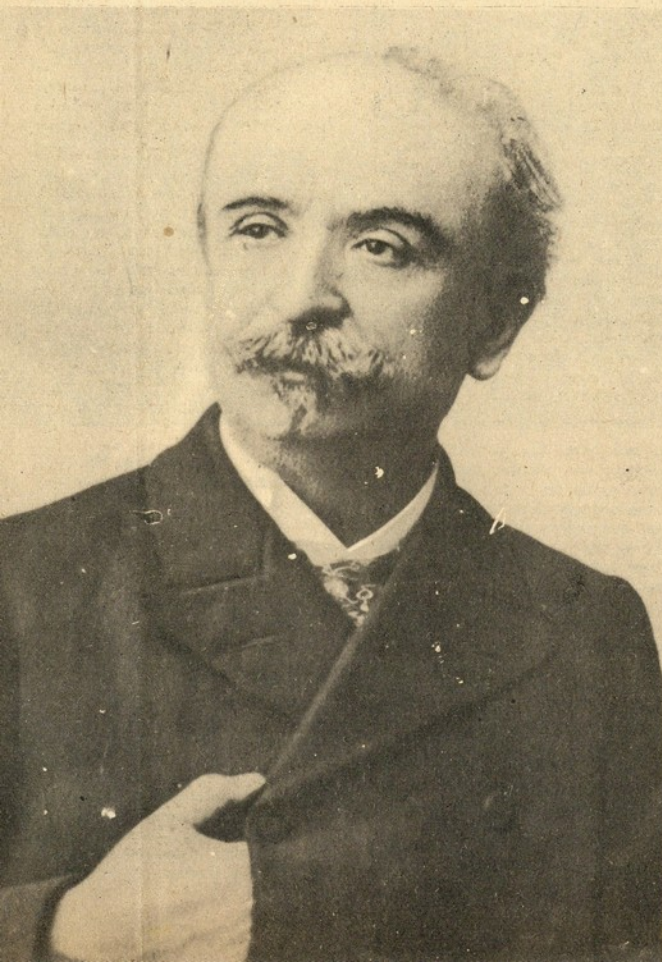
É esta uma página curiosa da vida artistica do Porto, que se anima espantosamente sob a extraordinária actividade do moço pianista. Já não está só Miguel Angelo: Artur Napoleão, Sá Noronha, os irmãos Ribas, dão o seu concurso em concertos publicos e particulares, animam as festas de beneficência e de pura arte. Dir-se-ia que a capital nortenha se converte na capital do espirito do pais, sob o sorriso e a agilidade dêsse rapaz que, não contente de tudo, ainda arranja tempo para aprender órgão com o francês Charles Widor, que fóra ao Porto inaugurar o grande órgão do Palácio da Exposição.

E admira que assim lhe chegue o tempo para tanto: nesse mesmo ano, 1865, conclua *Eurico* — uma ópera em quatro actos, que êle queria ouvir no teatro de S. João, e que merece de Guilherme de Almeida, no «Porto Elegante», uma larga referência elogiosa. Essa ópera, porém, não será desde logo cantada — e só quatro anos mais tarde Lisboa a escuta num ambiente de frieza que os applausos amigos não conseguem illudir nem agüentar. O Porto insurge-se:

— Bárbaros! Se fôsse de Lisboa...

Em 1874, consegue que a ópera seja cantada na sua terra. Mas o artista abrija ouvidos à critica e reconhece que a sua obra não é tudo o que, êle supunha... Quando a ópera reaparece, a partitura fóra modificada e reduzida a três actos.

O Porto delira. As ovações parecem infundáveis. E para coroar o êxito que para sem deixar eco na consciência dos portuenses — oferecem-lhe uma batuta de prata. Guilherme Braga dedica-lhe uma poesia e Joaquim de Vasconcelos publica, a propósito, um folheto a que dá o nome de «Análise critica»...



Um dos últimos retratos de Miguel Angelo — o célebre compositor portuense



Casa onde nasceu em Barcelinhos o maestro Miguel Ângelo; antiga rua de Baixo, hoje, rua José Falcão, n.º 48

Passa aquêle movimento que os lisboetas chamam baírrista, apaga-se os letreiros dos cartazes publicitários e começa a fazer-se a crítica da ópera que fôra inspirada no «Eurico, o Presbítero»; alguns acharam que tinha isto, outros que tinha aquilo. A crítica leviana e emotiva seguiu-se a crítica pensada, cerebral e venenosa. Começou a reconhecer-se que nem o autor nem o seu trabalho estavam à altura daquilo que se chamavam as prosápias e o amor próprio de Miguel Ângelo: uma tentativa sem seguimento.

Entretanto, quatro anos depois, «Eurico» cantava-se no Rio de Janeiro, com interesse pouco animador que não chegou para abrandar a ânsia de triunfo do autor. Estava em pleno gozo de inegáveis faculdades artísticas e o dinamismo da sua chegada ao Porto não se quebrara contra ilusões perdidas. Em 1 de Maio de 1874, funda-se na capital do norte, por sua influência, a Sociedade de Quarteto do Porto, que mais tarde será absorvida pelo Orfeão Portuense. Os melhores conceros de música de câmara conheceram-se a capital do norte, e para eles

escreve Miguel Ângelo obras de incontestável valimento: «Ondina do lago», sobre poesia de Ernesto de Almeida, obtém êxito particular. Mas o maestro não está de acôrdo com os restantes que trabalham com êle. Desliga-se do agrupamento e vai desabafar violentamente a sua ira no jornalzinho *Eurico*, que êle funda, e que é o vazadouro das suas mágoas e das suas expressões baixas...

Esta campanha descontrolada prejudica-o. Muitos daquêles que eram seus admiradores e amigos estranham-lhê as palavras grosseiras e desviam-se discretamente do seu caminho. Era o principio do fim...

Ainda monta um armazém de músicas e instrumentos musicais que não se agüenta e que tem de passar a outros; ainda tem alguns dos muitos alunos de piano que ficaram do período áureo, mas a vida já



subscrições e projectam um espectáculo que não chega a realizar-se: Miguel Ângelo, internado numa casa de saúde, acabava de falecer completamente louco...

Deixou obra de merecimento, uma página honrosa na música portuguesa, porque, ao fim de contas, erguido acima das tricas dos homens — estava o espirito do artista, intangível na honestidade das suas manifestações. Além do muito mais, que escreveu, disse que completara duas óperas: *Zaida* e *Avalanche* — tendo sido cantados dois trechos da primeira, em 1893, num espectáculo promovido pelo autor. E deixou ainda: *Luiz de Camões*, uma cantata executada em 1880, no centenário do primeiro poeta português; *Adamas-*

não vai bem. Os concertos que organiza são menos concorridos porque o público já não vê naquêl homem que agradece os aplausos, o esteta que conhecera. O jornalzinho baila na lembrança de todos: como é que um homem daquêles pôde escrever...?

As suas viagens ao Brasil, onde dava concertos e musicava peças teatrais — passam a ser menos rendosas. A última é um desastre: Miguel Ângelo regressa pobre e torturado; as idéias fogem-lhe. Era em 1898...

Os amigos, os poucos fiéis e os que lhe perdoaram, promovem

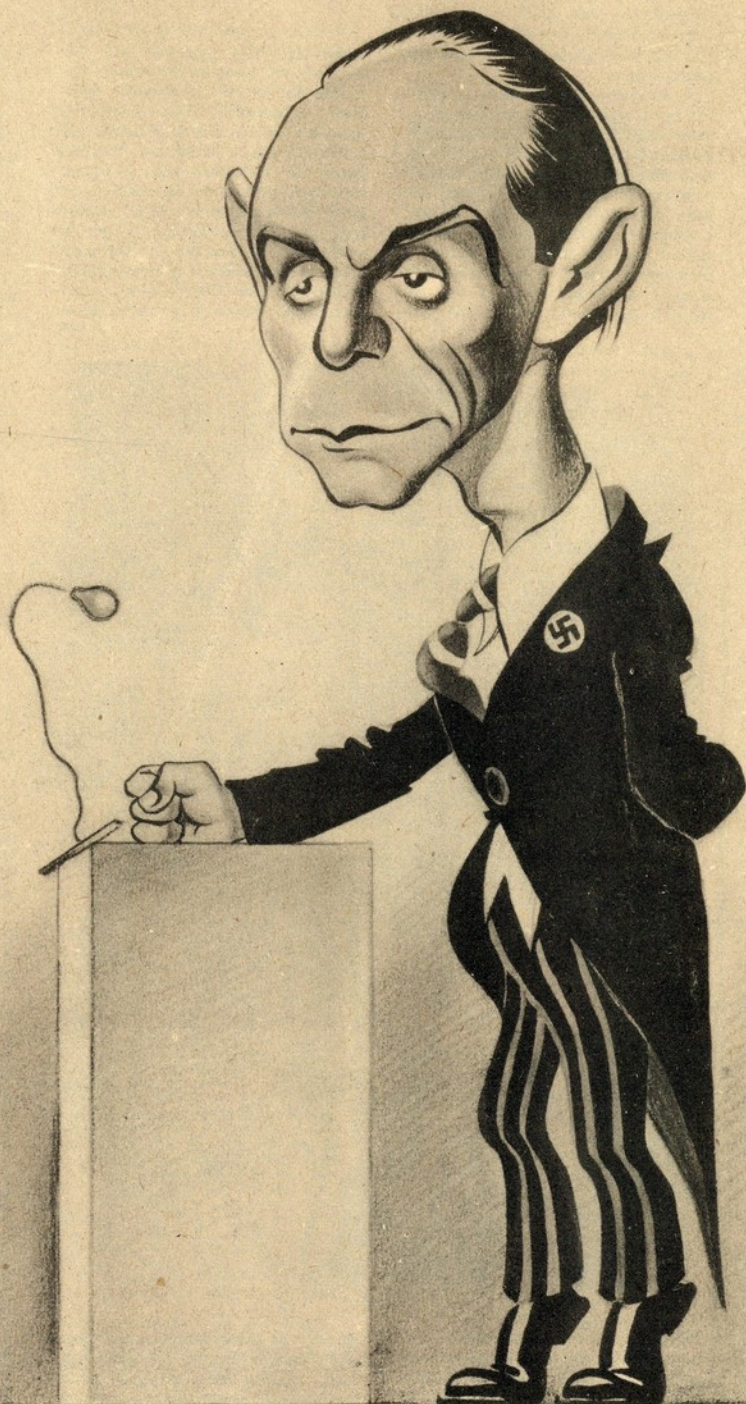
Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, onde se recorda a noite de 8 de Novembro de 1878, em que foi cantada a ópera «Eurico», no Teatro D. Pedro II, do Rio de Janeiro

Barcelinhos — onde nasceu Miguel Ângelo — fica na margem esquerda do Cávado, junto a Barcelos

tor, uma notável sinfonia; *Canção de Abril*, uma seernata com letra de João de Deus; *Marcha do Ódio*, com versos de Guerra Junqueiro, e que era um grito patriótico no meio dos desentendimentos anglo-portugueses, 1891; e uma infinidade de músicas para piano, de quartetos e quintetos.

O Porto vai agora reanimar para a vida um nome que anda esquecido dos vivos e que merece um lugar na pequenina galeria dos nossos músicos. A iniciativa dos portuenses é simpática — e Lisboa devia colaborar...

Figuras da Vida
MUNDIAL



DR. GOEBBELS
Ministro da Propaganda do Reich
(Caricatura de SANTANA)

Antonita

O homem encostou-se à parede, perto da porta, e acendeu um cigarro. A claridade trêmula da chama iluminou-lhe, por momentos, as feições morenas e enérgicas. Soprou o fumo lentamente olhando o pedaço de céu estrelado que a rua estreita permitia ver. A limpidez suave do luar esbatia os contornos das casas, dava-lhes um aspecto irreal.

Pela porta da taberna, risos e gargalhadas saíam, em ondas, com o fumo dos cigarros e perdiam-se na noite. Um ou outro vulto cruzava a rua e entrava. Rindo-se, um par saiu; a mulher reconheceu-o e saudou-o à passagem: «Adios, Pedro!». Lá dentro fez-se silêncio. E como débil lamento soou na noite o dedilhar de uma guitarra. Uma voz fresca acompanhou-a, entoando «seguidillas» num garganteo aliciente e voluptuosamente modulado.

«Antonita» — pensou o homem. E recordou então as palavras que, há dias, ela lhe dissera num tom entre suplicante e exigente, quando a sua intuição feminina lhe fizera adivinhar que ele partiria em breve, talvez para não mais voltar: «Tens de te decidir, Pedro. Escolhe: ou eu ou ela». Ele não respondera. Lembra-se da mulher e do filho que, numa aldeia, para lá da fronteira, em tudo semelhante a esta aldeia espanhola, o esperavam. Fôra pelo futuro desse pequerrucho de oito meses, um pequeno e palpitante monte de carne esperneando num berço, que ele se lançara no contrabando. Em sua casa a fome era muitas vezes o alimento do dia. E, para não ver morrer os entes queridos, decidira-se. Rapidamente se tornou o chefe, o cérebro, de um punhado de contrabandistas. O seu desejo de arranjar o mais depressa possível dinheiro para comprar umas terras tornava-o de uma audácia que roçava perigosamente a loucura. A sorte protegia-o, no entanto. A sua volta, reuniram-se homens decididos que o admiravam e seguiam de olhos fechados. Uma noite, ele reparara, na taberna onde se juntavam, numa ciganita morena com argolas de ouro nas orelhas que dançava maravilhosamente o «salero». O seu corpo jovem de andaluza, nervoso e fragrante, bem depressa o tentara. E ela rendera-se-lhe, orgulhosa de lhe pertencer. Agora, pressentindo que ele a ia deixar, perguntara: «Então, Pedro, que respondes?» Ele ficara ainda calado, hesitando entre a vida aventureira e bela, apesar de tudo, que levava e a vida calma, demasiado calma, do lar. Era o filho o débil fio que o ligava ainda lá. Antonita compreendera que ele se debatia numa luta íntima. Não insistira, dera-lhe o tempo a que pensasse. E ele, nesse momento, não sabia que responder. Retardava uma decisão

que lhe modificaria a vida, num ou noutro rumo.

A algazarra que rebentou lá dentro cortou-lhe a corrente dos pensamentos. Fez-se, por fim, calma. O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo crepitar de castanholas. Resolveu entrar. E, encostado a uma coluna, cigarro suspenso dos lábios, o chapéu descaído sobre os olhos, seguiu com o olhar Antonita que dançava. Homens e mulheres, enchendo as mesas, seguiam-lhe os movimentos com silenciosa atenção.

exuberância da mocidade que lhe percorria o corpo numa onda estuante. Gallardo, a um canto, dedilhava a guitarra tendo o cigarro apagado, esquecido, por detrás da orelha. A dança terminara. Antonita parou no meio da sala, as mãos descaídas, estalando as castanholas junto dos quadris, o corpo percorrido por espasmos. Erguia os ombros num gesto de desprezo e indiferença, olhando veladamente os homens que faziam círculo. Ofereceu o corpo num gesto repuxado a um deles e,

Antonita — pensou ele — era uma tentação muito forte. Mais difícil se tornava decidir.

Os companheiros, a um canto, chamaram-no. Aproximou-se. Estavam todos presentes: o velho e experiente Pablo, os dois irmãos Gomez, e o gordo Pancho, alegre e vermelho como sempre. Apesar dos seus rostos tismados e patibulares, eram leais como poucos, os que trabalhavam à margem da lei. Sentou-se. Antonita aproximou-se por detrás, tirou-lhe o chapéu, acariciou-lhe e revolveu-lhe os cabelos. Ela colocou o chapéu às três pancadas:

— Que tal me acham?

— Tentadora... muito tentadora!
— gritou Pancho erguendo o copo, numa saúde.

— E tu, Pedro?

— Gaiata como sempre...

Ela teve um sorriso triste:

— Nunca me levas a sério.

— Sabes bem que não é verdade.

E, antes que tudo, vai buscar qualquer coisa e tapa esses ombros.

Antonita ficou amuada. Ele perguntou aos que o rodeavam:

— Tudo pronto?

— Espera-se apenas a hora da partida. Qual é o caminho a seguir?

Pedro explicou com navalhas e cigarros colocados sobre a mesa o que havia a fazer. Curvados, eles escutaram:

— Como vêem, é simples. Enquanto os «carabineros», por uma falsa denúncia, nos esperam aqui, no Cérrro, nós, muito calmamente, atravessamos a fronteira pelo Passo Maldito. É simples: mas é essa simplicidade que os tem derrotado.

Endireitou-se na cadeira. Pablo disse:

— Eles andam com vontade de nos apanhar.

— Se te parece! Têm passado sempre e por onde querem — comentou Antonita.

Quando Pancho e os Gomez saíram para verificar as cargas, Antonita, sentada sobre a mesa, disse:

— Este é o teu último carregamento. Voltas?

Era essa pergunta que ele receava. O momento que tentara evitar aproximava-se. Tomou fôlego. Que raio! Receara perigos piores e havia de estar com medo de dizer o que devia a uma mulher? Ou gostava realmente dela?

Foi por isso que respondeu vagamente:

— Volta-se sempre... Hei-de voltar um dia.

— Era melhor dizer que me deixavas — protestou ela. — Já o esperava. Gostava de conhecer tua mulher para ver o que tem mais do que eu.

— Tem um filho.

Ela riu-se:

— Queres-me convencer que é pelo teu filho, uma criança, que me deixas? Ah! Não, essa não serve para mim.

— Pois acredites ou não, é essa



Num espaço vasto, no meio, ela rodopiava por entre o fumo dos cigarros que subia para as arcadas brancas do teto, fazendo estalar as castanholas. Cingia-lhe o corpo flexuoso uma camisa branca bordada, descaída nos ombros morenos, deixando-lhos semi-nus, e uma saia verde de larga roda que, por instantes, deixava entrever as pernas. Dois cravos rubros sangravam-lhe nos cabelos negros, soltos sobre os ombros. Na sua dança, ela mostrava bem toda a vida ardente, toda a

quando as mãos desejosas se estendiam para o apertar, ela escapou-se, num rodopio louco, fazendo crepitar sarcásticamente as castanholas. Soaram gargalhadas. Alguns homens acompanharam o ritmo batendo palmas. E ela estacou súbitamente numa posição prevista, os braços arqueados, o seio palpitante, sorridente, encantadora. A taberna quase veio abaixo com os aplausos ruidosos. Então, ela viu-o: mandou-lhe um beijo nas pontas dos dedos. Pedro sorriu e fez-lhe um aceno amigável.

E

STAS considerações têm a sua intenção e visam principalmente alguém: artistas e amadores que algum dia cantaram as canções da nossa terra de modo a merecer estes reparos. De facto, são raros aqueles que falam português com correcção, pronunciando bem, de modo a fazer compreender a letra, sem dar às palavras a acentuação que não é nem estrangeira nem nacional.

A importação das canções brasileiras, com versos que não têm o nome de poesia, em rimas de palavras que não têm conexão e letra exótica, como «Mamã eu quero mamar» e outras que nem vale a pena dizer têm influído na nossa música, pelo seu arrastado doentio e chorado e, ainda, porque algumas executantes, agora imprópriamente chamadas «vedetas» da Rádio, ainda sob essa influência cantam as nossas canções — quando isso acontece, pois bem raros são os momentos em que se fazem ouvir.

Sabemos bem que o Brasil tem lindas canções sentimentais — mas essas estão desprezadas por nós e foram substituídas por outras de valor muito relativo, no seu batúque obrigado a flauta e lata de areia, agora cantados nas nossas muitas emissoras, por onde desilam Carmens Mirandas de imitação. A verdade é que as nossas «stars» da Rádio já não «descem» a cantar canções portuguesas — que, aliás, cantam quasi sempre muito mal — para se dedicarem mais aos estrangeirismos...

Talvez já se não lembre a geração de há trinta anos que foi Aura Abranches, artista de raça, muito inteligente e de rara intuição, com Alexandre Azevedo, outro elemento valioso do nosso Teatro, actualmente no Brasil, quem melhor interpretou canções nossas, em fins de festa, — como então se dizia. Faziam-no com extraordinário sentido artístico, dando sabor próprio, umas vezes divulgando versos dos maiores poetas portugueses, outras até de poetas populares. Muitas dessas canções faziam parte da riqueza do nosso «folclore» e teriam ficado desconhecidas se não fossem estas interessantes tentativas.

No antigo teatro D. Amélia, agora S. Luiz, e em teatros do Pôrto, cantaram estes dois grandes artistas canções portuguesas, executando-as de uma maneira brilhante. E, apesar de não saberem vocalizar e terem pouca voz, diziam-nas com tamanha intuição e esplêndida dicção, dando às palavras todo o valor, que constituíram a melhor contribuição artística no género. Depois deles, só excepcionalmente artistas e amadoras — estas, em maior número — puderam rivalizar com aqueles artistas que, durante alguns meses, deram ao público canções portuguesas, nossas, exclusivamente nossas, sem necessidade de recorrer a internacionalismos nem a imitações.

Aura Abranches e Alexandre Azevedo contribuíram, assim, para o conhecimento de algumas canções do nosso Cancioneiro e de outras algumas mais, escritas expressamente para eles.

Ora, nós estamos hoje em presença de factos — que não abonam a nossa inteligência, nem a nossa arte, nem o nosso patriotismo — e que concorrem para o esquecimento da nossa música popular e do nosso Cancioneiro. E se não fossem aqueles grandes artistas, e poucos mais, como o falecido maestro Francisco de Lacerda e ainda alguns organi-

Como se Cantam CANÇÕES PORTUGUESAS

Uma crónica do Dr. António Viana

zadores contemporâneos de grupos orfeónicos e que algumas vezes nos dão música portuguesa, tão desprezada nos programas das nossas emissoras — quem nos viria lembrar o melhor que temos do nosso valor musical popular?

É vulgar as emissoras anunciarem que «vamos dar algumas canções portuguesas» — mas, no fim, são todas ou quasi todas brasileiras! Depois, os nossos artistas e os nossos amadores entendem que devem, de preferência, cantar trechos de ópera em páginas conhecidas e sabidas que, de resto, porque o são, só podem ser cantadas por grandes artistas do género, para não redundar tudo, quasi sempre, num desastre... Há até professores de canto que quando lhes palpa que a aluna tem voz de soprano ligeiro, fazem-na cantar o «Caro nome» e se é tenor, já se sabe: está indicado o 3.º acto da Tosca que, afinal, é para os pobres intérpretes uma maneira mais suave de morrer...

E, assim, esses principiantes, porque são mal dirigidos e porque lhes é alimentada a vaidade própria, já não querem cantar canções portuguesas. Nestas, todas simplicidade, quando as cantam, só pretendem exhibir a sua

voz, no seu maior volume, demorando as notas agudas mais tempo do que deve ser. Com tudo isto, prejudicam a dicção e fazem finais napolitanos, estragando as canções nacionais, como já prejudicaram as estrangeiras. Não dizem as sílabas claras — dizem-nas mal acentuadas — e, daí, não é raro que não percebamos a língua em que cantam, mesmo quando cantam em português.

A infiltração do «jazz» e da música barata brasileira — continuamos a dizê-lo — tem prejudicado a nossa música, desnacionalizando-a por todos os modos e feitios. É certo que, assim, temos agora de tudo: sambistas, «swingistas» e «sisters», cantando em língua que não conhecem; as que se atrevem a cantar canções francesas — as chamadas de «bouvard» — e que só franceses cantam bem; outros cantando ainda em espanhol e em português acentuadamente brasileiro, com frases choradas — o que chega a ser ridículo!

Enfim, não nos bastava o fado, imprópriamente chamado canção nacional, que tantas vezes nos enerva e que perdeu — e ainda bem — aquela letra funesta e de desgraça no geral mal cantada, com pronún-

cia pouco clara e sílabas a mais nas palavras que terminam em «r», como no infinitivo dos verbos em que dizem «amare», «esquecere» ou, ainda, «amori», «amari» e outras barbaridades. Já um dia escrevemos este paradoxo: «quem canta melhor as canções portuguesas são os que não sabem cantar. E, na verdade, os que cantam melhor são aqueles que não têm a preocupação de saber cantar e mostrar a voz, que não demoram as notas, prejudicando o idêa e até o ritmo e a sequência natural do verso; são aqueles que não destroem a sua naturalidade, a sua simplicidade, com realizações que não são próprias para as nossas canções e que as tornam ridículas, fazendo, assim, que não sejam portuguesas nem estrangeiras...

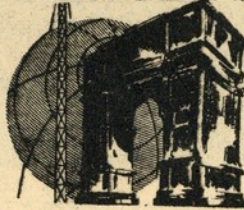
Não queremos destacar, dentre os amadores e artistas, aqueles que, perante o público, têm demonstrado a sua compreensão na arte de cantar. Mas não deixaremos de lembrar que a preocupação de uns e outros, postas nos seus dotes pessoais, ou na interpretação má do que vem de fora, cada vez os distancia mais da arte e do público, fazendo com que os compositores portugueses se afastem dos nossos motivos musicais. Magda ouvir cantar em português como se faz actualmente, e penaliza ver como se executam programas que deviam ser nacionais e que, afinal, só por excepção incluem uma canção portuguesa. Temos até observado que muitos locutores, a sério — porque os há agora, ridiculamente jocosos — anunciam música portuguesa, fora dos programas portugueses, dentro de programas de música internacional, sem possibilidades de ser bem interpretada, por incompetência dos executantes que querem ou pretendem ser capazes de tudo, e, ainda, por incompetência de quem consente semelhantes programas. As imitações são sempre desastrosas e só por excepção se podem consentir. Ora, cada país tem a sua feição, a sua língua própria, o seu temperamento, a sua individualidade, as suas características. Há segredos de linguagem que não são susceptíveis de imitação e tudo o que não é arte própria é um arremedo, uma farça e falta de mentalidade. Um povo deve impôr-se por si mesmo, não precisa de ir buscar fora aquilo que, embora bom, por isso mesmo precisa de ser reproduzido com honestidade. E fiquemos com o que é nosso, que não é de todo mau.

E já agora, ainda um outro reparo: é necessário que os locutores saibam com antecedência o que será o programa da emissão, para que não anunciem música portuguesa e no-la dêem, por exemplo, toda ou quasi toda brasileira. Entre os locutores também deve haver o maior cuidado no que dizem, para não anunciarem um tenor que é barítono, nem trocarem o nome das óperas que vão cantar-se. Tudo isto, porém, são pequenos grandes problemas interligados e, francamente, dariam um novo artigo...



ESCUTAI

ROMA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,50	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
14,10	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 11	41,55	7220
17,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 17	15,31	19590
21,50	Noticiário	2 RO 66	19,61	15300
		2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 3	31,15	9630
			221,10	ondas
		263,20	médias	
24,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,10	aos domingos	39,80
21,20	às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

HISTÓRIA DA GUERRA

Por absoluta falta de espaço somos forçados a não publicar neste número a «História da nova guerra mundial», de Carlos Ferrão. Sairá no próximo número.

Entre nós



Com uma sessão solene, presidida pelo Chefe do Estado, inaugurou-se solenemente a sede da Sociedade de Ciências Económicas. Ao lado do sr. general Carmona sentaram-se os srs. ministro da Educação, prof. dr. Moisés Amzalak, director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Joaquim Leitão, secretário geral da Academia das Ciências, e dr. Ricardo Espírito Santo, como presidente da assembleia geral da Sociedade. Em lugares de honra os srs. general Amílcar Mota, major Silva Costa, da Casa Militar Presidencial; coronel Lopes Galvão, e dr. Sebastião Alfredo da Silva, pela Associação Industrial Portuguesa. A nossa gravura mostra-nos a mesa da presidência na altura em que o sr. dr. Ricardo Espírito Santo proferia o seu discurso.



No Ateneu Comercial de Lisboa foi prestada homenagem ao sr. Vasco Ribeiro, presidente da direcção daquela antiga agremiação, com a inauguração do seu retrato, cerimónia a que procedeu o sr. dr. Jaime de Mascarenhas, como professor mais antigo da escola comercial. Vários oradores elogiaram a obra do sr. Vasco Ribeiro e puseram em destaque a sua grande actividade para o Comercial — instituição de grande progresso e prestígio do Ateneu das tradições.



Em Infantaria 1 comemorou-se o 131.º aniversário da tomada de Ciudad Rodrigo — acção em que teve relevo aquela unidade. Houve formatura geral e o comandante do regimento, sr. coronel Douweens, proferiu uma alocução aos soldados, na presença do sr. governador militar de Lisboa e de vários oficiais, comandantes de vários regimentos e muitas famílias dos oficiais e soldados.



O Liceu de Pedro Nunes — a Liceu da Lapa — comemorou, com uma sessão solene, o 37.º aniversário da sua fundação. Ao lado do reitor, sr. dr. João Xavier Lobo, que presidiu, sentaram-se o vice-reitor, sr. dr. Soares Parente; o professor sr. dr. Júlio Martins e o sr. prof. dr. Lopes de Andrade, como presidente da Associação de Pais de Alunos, Entocada a «Portuguesa», pelo orfeão liceal, sob a direcção do sr. dr. José Trocado, usou da palavra o reitor, sr. dr. Xavier Lobo. Depois falou o sr. dr. Júlio Martins. Houve distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram no passado ano lectivo. Deve recordar-se, ao traçar esta legenda, o nome do sr. dr. Sá e Oliveira, que durante mais de 30 anos foi reitor daquele liceu, por onde passaram quasi três gerações de alunos, alguns dos quais hoje ocupam lugares de destaque na sociedade portuguesa.





EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias	39,7 m (7,565 mc/s)
7,15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31,02 m (9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,99 mc/s)
8,30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31,02 m (9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,99 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias	19,8 m (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19,56 m (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias	19,56 m (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

10,45 ..	Noticiário	24,92 m. (12,04 mc/s)
		19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
12,15	Noticiário e Actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
		19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
21,00	Noticiário e Actualidades	42,11 m. (7,13 mc/s)
		41,75 m. (7,19 mc/s)
		31,75 m. (9,45 mc/s)
		30,96 m. (9,69 mc/s)
		261,10 m. (1,149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

CARTA BRANCA

DA ARTE DE SER PAI...

pele Dr. José Ribeiro dos Santos

Meu caro:

N

AO sei qual de nós os dois estava mais passado: se você, se eu... Sei que o terceiro dos presentes, o que era protagonista daquele momento angustioso, o que era autor e réu daquele lance, aquele de quem nós estávamos sendo quase envergonhados espectadores — esse parecia indiferente ao seu ridículo e à nossa angústia...

A cena a que tínhamos acabado os dois de assistir fez-me lembrar uma outra, perfeitamente paralela, ocorrida há alguns anos já, em que um distinguido varão, perorando em roda íntima acérea de determinado assunto e querendo dar-se ares de que o tema lhe não era novo, mas que, pelo contrário, há muito lhe prendia os encantados fulgores de seu espírito, assim discretou o prólogo de um dos seus luminosos informes:

— Eu lá digo no livro de F...

Este F com três pontinhos quer dizer um nome. E o nome é um nome próprio, nome de pessoa. E essa pessoa tem por pai nem mais nem menos que o determinado varão que vinha assim, com tão completo despropósito, comunicar aos circunstantes a feliz nova de que era ele o autor dos trabalhos literários — de maior ou menor mérito, não é isso agora o que está em causa — que costumavam publicar-se com a assinatura do seu filial rebento...

Quere isto dizer: umas vezes é difícil ser-se filho; outras vezes é difícil ser-se pai. A arte de ser pai tem seus melindres — e, pelos vistos, para o ser não basta tê-lo passado a ser por um feliz sucesso. É preciso saber continuar a ser, é preciso poder ter-se uma linha de conduta em que o equilíbrio da inteligência

e do bom senso se completem e se harmonizem. É preciso ser-se suficientemente sereno, primeiro, para não tentar transformar os filhos em meninos-prodígios, tenham ou não tenham eles qualidades para que os possamos haver em tal conta. E é preciso, também, se acaso eles algum dia se mostrem aptos a vós próprios, que os distingam da vulgaridade das gentes, ter a paz de espírito e o mínimo de senso comum indispensáveis para que sobre eles não possam cair salpicos de ridículo que lhes escangalhem a vida. Compreende-se que um pai tenha muito aprço pelos talentos de um filho, que se deixe babar por eles... O mundo lho perdoará — porque há fraquezas desculpáveis... Mas que ande de porta em porta ele mesmo a louvar esses talentos ou a implorar os louvores alheios — já é o diabo. E então ainda por cima aparecer com o ar de ser ele quem tutela, aconselha ou pelo menos supervisiona as explosões do filial talento — isso então excede tôdas as marcas e parece mesmo que dá vontade de indagar do implorante se não tem dó do mal que faz ao filho, se não se arreceia de o desacreditar, de lhe matar a carreira, de lhe estragar a vida.

Por muito absurdas que pareçam estas considerações, por mais absurdo ainda que pareça ser necessário fazê-las, é preciso que se diga que elas são consequência de casos reais, de situações dolorosamente verdadeiras que as sugeriram.

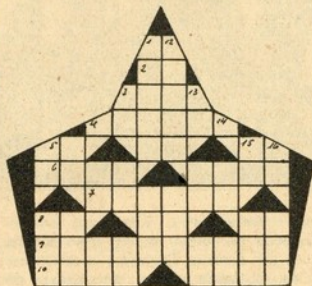
Onde se vê que, se há pais que se lamentam da falta de juízo dos filhos — há filhos que bem podem sentir ter que se lamentar da falta de juízo dos pais.

Exatamente como você dizia, em comentário à conversa a que tive-mos os dois que assistir:

— Só quero que me diga como é que se pode ser filho dum sujeito destes...

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 53



HORIZONTAIS: 1 — Parai; 2 — Passar; 3 — Utilidade; 4 — Nome de mulher; 5 — Religião; Velha; Encontre; 6 — Desterrado; Ave palmípede lameiro; 7 — A porção de lá que se põe na roca para se fjar; 8 — Outra coisa; Interj. (designativa de «sur-

presas); Art. fem, pl. 9 — Preciso; 10 — Círculo luminoso em redor do sol; Augusto.

VERTICAIS: 1 — Privem; Livre (pl.); 3 — Polme; Nota musical; Ela; 4 — Qualquer; Interj. de chamar; 5 — Crenga; Nome de mulher; 11 — O mesmo que seis; Penetrar o interior de alguém; 12 — Cheiro suave; Adv. indica presença do objecto; 13 — Ex-plicite; O mais; Clima; 14 — Casca; Nota musical; 15 — Ocasione; Ama; 16 — Para; Estrela.

Solução do Problema N.º 52

HORIZONTAIS: 1 — Sa; 2 — Tela; 3 — Pérola; 4 — Rd; As; Ta; 5 — Aro; Noz; 6 — Mar; Uro; 7 — Aga; Ad; 8 — Lá; Dã; Or; 9 — Otaria; 10 — Anua; 11 — Ea.

VERTICAIS: Será; Dane; 2 — Té; Ora; Lá; 3 — Paragão; 4 — Ramal; 12 — Atoz; Arua; 13 — Al; Nua; 14 — Atordoa; 15 — Azoar.

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 6)

sentava a declarar que «todos os franceses desejam o acordo entre os generais Giraud e De Gaulle, pois todos combatem para o mesmo fim» — o que mais uma vez veio provar o bom senso do *Sunday Times*, ao dizer, no dia 17, que, enquanto Eisenhower e os governos que o apoiam pensavam e continuavam a pensar, sempre e acima de tudo, no bom êxito das operações militares naturalmente difíceis, os críticos se preocupam prematuramente com a política da França depois da guerra.

A França Francesa, eis a verdade, tem uma opinião política muito própria, difícil de colar à que vigora em Londres? Não pode dizer-se que isto é resultado de uma acção de Vichy, exclusivamente porque encontramos-la em homens de excepcional envergadura, como o general Nogués. Mas é uma realidade que só foi penetrável pelo método americano de criar dentro dela a situação estratégica e não é possível reduzir no campo partidário. Aqui preguntámos um dia, ainda Darlan era vivo, por que é que, sendo, desde 8 de Novembro, a África do Norte o primeiro território francês libertado, para lá não correu a sacrificar o seu sangue, a massa enorme dos franceses no exílio, sem mais preocupações do que as que animaram sempre um patriota como o general Giraud: — baterem-se, sob todos os comandos e em todas as condições, porque a liberdade da pátria tudo merece? — Esta pergunta ainda não teve resposta. E, como a África do Norte é uma das plataformas centrais do assalto ao bastião alemão na Europa, isto tudo bastou para revolver estupidamente as retaguardas vitais da melhor das frentes ocidentais das Nações Unidas.

A ALEMANHA NA FORTALEZA



As horas de retardamento que e vimos de marcar na frente aliada correm todas a favor da preparação por assim dizer febril que o alto-comando alemão vai fazendo, militar e diplomática, da sua defesa contra o eventual assalto das suas posições na Europa — ideia geral que lhe orienta todos os afans. A agência alemã *Interinf* era a primeira, há poucos dias, a denunciar os formidáveis preparativos que os Aliados acumulavam no Próximo Oriente (e é de lembrar a lúcida precisão de Churchill, ao criar ali o 3.º exército, sob o comando de Wilson), já em forças navais anglo-americanas cujo aparecimento prova a liberdade de movimentos de Cunningham no Mediterrâneo, já no robustecimento ofensivo de Malta e de Chipre, já nos abastecimentos levados por via aérea aos núcleos insurrectos gregos e jugoslavos, já até na acção diplomática-económica exercida em Ankara, e na evolução ainda em curso das negociações russo-turcas, recentemente reatadas.

É indubitável a extrema dificuldade na organização de uma investida aliada ao continente, que tanto requiere a perfeição escrupulosa como a mais corajosa audácia. No entanto, posta a necessidade de morrer gente e perder material para isso — e quanta não tem exigido a sobrevivência do exército russo? — o alto-comando alemão admite, sem

custo, essa investida, multiplicada ou não por várias abordagens, e não perde uma noite aprestando-se para a frente.

Por um lado, maneja os meios militares em dispositivos previamente criados com o fim de construir situações de batalha ao adversário que apareça, e para isso levanta nas zonas essenciais linhas fortificadas. Por outro lado, exerce por mão das autoridades militares e dos governos que acompanham e servem a Alemanha, uma acção repressiva, cuja violência não tem precedentes sobre todos os elementos de resistência e agitação internas, especialmente em França, onde recentes tumultos em Toulouse, em Marselha e na Saboia, que telegramas publicados revelaram, foram duramente dominados. A par disto, mobiliza neste momento, com instante pressão, os exércitos dos países seus aliados, como os húngaros e romenos, além das fracções de tropas arrancadas a países ocupados que vêm substituir, em alguns destes, as tropas alemãs de guarnição; e actua simultaneamente por meios diplomáticos e outros com o fim de que daqueles países saiam elementos de reforço aos exércitos aliados e aos grupos nacionais que neles se formam, sobretudo os franceses.

Contra todo este afan, cuja cabeça superior é, além de Hitler, o feld-marechal von Runstedt que estende a sua acção aos outros comandos dos países do Eixo na Europa, a Alemanha só teve contra si mesma um inimigo de temer: — a contra-ofensiva russa. Por isso mesmo, Roosevelt a considera o grande acontecimento estratégico de 1942, que em muito o pode ser também

de 1943. Despedida a meados de Novembro, ela impediu desde logo que a Rommel fosse levado a forças que o compensassem das grandes perdas da derrota sofrida em El Alamein. E quando uma série de batalhas que desagrilhoaram Estalinegrado, ela correu para o Donetz e para o Don inferior e se ampliou para o Cáucaso em Dezembro, impondo ao alto-comando alemão a tática móvel dos *gunitbands*, para o que chama «repreparamentos e encurtamentos de frente» em ordem às retiradas metódicas que von List está fazendo no Cáucaso e von Hoth sobre o arco de Rostov, — essa contra-ofensiva, entrada, tal como a resistência alemã — Zukov e von Zeigler frente a frente — em pleno quadro estratégico, começou no fim do ano a operar sobre os meios alemães de defesa do bastião europeu, por uma maneira sensível.

Todo o sistema — Runstedt está agora em função destes acontecimentos. Mas os retardamentos aliados no Ocidente e no Mediterrâneo não o estão menos.

HOJE E AMANHÃ



Uma outra série de sucessos, desdobrados na periferia destes, revela o ambiente, de cada vez mais vibrante, de uma como pré-sensação de factos que determinariam a fase politico-militar final do conflito, ou a imediatamente anterior. Houve uma altura, aí pelo primeiro meado do ano passado, quan-

do o assalto decisivo a Estalinegrado e o ataque de Rommel a Alexandria foram quase anunciados iminentes, em que a Alemanha repôs de novo sobre a secretária do Dr. Funk os planos da organização económica da Nova Ordem, e em nova actividade o trabalho dos seus técnicos. A guerra, exactamente por efeito da ofensiva de Montgomery e da reacção de Zukov, interrompeu essas resoluções alemãs. Hoje, são as comissões americanas e inglesas que incansavelmente estudam os problemas de amanhã.

Esses problemas abrem-se em três grandes sectores: — o sector político da revisão territorial do mapa europeu, — o sector económico, abrangendo auxílio às populações martirizadas pelas misérias das ocupações e da falta de recursos, a redistribuição mundial das matérias-primas que arrasta consigo questões coloniais do maior melindre, mórmente em relação aos futuros novos blocos continentais africanos, asiáticos e americanos, (este último reforçado agora pelo Chile beligerante), a mobilização dos meios de comunicações e a reorganização das trocas comerciais; — o sector social de reforma das condições de justiça na organização e remuneração de trabalho e nas suas garantias efectivas a todos.

No primeiro destes três sectores, aparece, porém, a questão dos chamados pequenos Estados que rebate sobretudo no leste europeu. A última viagem do general Sikorski aos Estados Unidos, foi indubitavelmente, a este respeito de uma transcendência de que há-de mais tarde falar-se. A Polónia pode contar — escrevia um jornalista turco — com a recuperação e até com a extensão das suas províncias ocidentais, mas, até agora, a Rússia não se pronunciou sobre as fronteiras orientais da Polónia, nem sobre as da Checo-Eslavaquia, da Hungria, da Roménia ou dos Países Bálticos.

Dentro dos Balcanos, a presença da Turquia projecta-se até ao Danúbio. Benés advogou, e chegou a realizar-se a criação de grupos de economias afins. Eden falou em Londres de federação, ao estilo de Pacto Peninsular. Nos Estados Unidos idearam-se outros grupos de federações regionais económicas de colónias, como o das Antilhas, que, de tentados em África serão fatalmente origem de conflitos de interesses. Tílea, antigo embaixador romeno em Londres, preconiza audazmente a federação europeia e a federação balcânica...

Mas se, tudo isto é sintomático, não pode traduzir-se em compromissos nem planos duradouros enquanto não se fizer ouvir a sentença das armas.

As condições em que esta guerra monstruosa eclodiu e se desenvolveu durante dois anos, em desequilíbrio de forças, prolongaram-na a mais que o possível e o desejável.

A vitória é hoje conquistável, mas muito mais difícil. E as ruínas e os sacrifícios crescentes é que já não podem levar-se muito mais além. Não há paralelo entre eles e a situação militar, em qualquer dos blocos em luta. Esta reclama pausas. Os outros exigem que se queiem etapas e se prepare com urgência o futuro.

No espírito dos grandes homens de Estado, talvez não haja neste momento motivo de maior inquietude.

LLOYD GEORGE

(Conclusão da pág. 13)

nascer e laborar; depois, quando o vingador de Gordon em Kartum, desapareceu a bordo do «Hampshire» em 1916, a substituiu como ministro da Guerra; depois ainda exigindo a galvanização integral do esforço de guerra e provocando a demissão de Asquith por uma jorna, sua própria, de insubmissão brusca que desde logo, como realmente aconteceu, equivalia a apresentar-se como o único timoneiro possível.

E foi, de facto, não só o estadista da guerra, muitas vezes quasi ditador sem o querer ser, como no rasgo de apoiar Clémenceau quando, a 26 de Março de 1918, o Marechal Foch assumiu o comando supremo dos exércitos aliados. Ouviu soar a hora de Pitt no relógio de bolso de Wellington, o Duque de Ferro. A sua mesma eloquência dos dias heróicos, ainda entusiasmo na «Câmara Kaki», saída das primeiras eleições depois da vitória, tão duramente conquistada.

Como é que este homem de tão forte personalidade na guerra, se

tornou, apegado à tradição da «balança de poderes», impossível de manter no mundo novo que saltara das trincheiras, um fautor de uma paz que salvou o vencido à custa da França e de todos os povos, há-de explicá-lo a psicologia do parlamentar agressivo, do humanitarista sem remissão, do inglês cem por cento, que diante da realidade não soube reconstruir um mundo. A França, a quem Lloyd George recusou a fronteira do Reno, prometeu em troca um tratado de aliança que nunca foi ratificado, diz com razão o citado historiador. E dir-se-ia que só um irónico e justiceiro destino, que, expressão da Providência, se compraz em inventar para os loucuras humanas as mais espantosas e insuspeitadas penas, poderia trazer Lloyd George, a assistir, aos oitenta anos, já sem as velhas garras agressivas, mas sempre sedutor, a assistir à guerra que se tornou fatalidade invencível no texto do tratado de paz que ele assinou.

FRANCISCO VELLOSO

Vida MUNDIAL

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Princesa Real Juliama, herdeira presuntiva do trono da Holanda, com as suas filhas Beatriz, nascida em 31 de Janeiro de 1938, e Irene, nascida em 5 de Agosto de 1939. A Princesa Juliama, a quem há dias lhe nasceu a terceira filha, em Ottawa, faz 34 anos em Abril próximo e casou com o Príncipe Bernardo Lippe Das Biesterfeld em 7 de Janeiro de 1937. A Princesa Juliama vive no Canadá desde Junho de 1940.



LEIA NAS PÁGINAS CENTRAIS DÊSTE NÚMERO:
**LLOYD GEORGE, UMA GRANDE FIGURA
DA OUTRA GUERRA, FEZ 80 ANOS!**

Um notável artigo do DR. FRANCISCO VELLOSO